

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA**

JÚLIA GIRARDI BELLINI

POÉTICAS DA DOR: UMA DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

CAXIAS DO SUL

2022

JÚLIA GIRARDI BELLINI

POÉTICAS DA DOR: UMA DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado no Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Glaucis de Moraes Almeida (UCS)

CAXIAS DO SUL

2022

JÚLIA GIRARDI BELLINI

POÉTICAS DA DOR: UMA DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado no Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Glaucis de Moraes Almeida (UCS)

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Glaucis de Moraes Almeida (orientadora)
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Profa. Dra. Mara Aparecida Magero Galvani
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Profa. Dra. Silvana Boone
Universidade de Caxias do Sul - UCS

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investiga questões acerca da violência contra as mulheres, assim como as manifestações artísticas de denúncia da problemática. Serão analisadas as três formas de violência contra a mulher com maior incidência, sendo elas a física, a sexual e a psicológica. Obras das artistas Nan Goldin, Ana Mendieta, Mona Hatoum, Regina Parra, Barbara Kruger, Suzanne Lacy e Leslie Labowitz, assim como trabalhos autorais, serão abordadas como exemplos de denúncias acerca da violência contra a mulher dentro do mundo da arte. Por fim, uma criação videográfica foi desenvolvida, em conjunto com lambe lambes contendo trechos de notícias do jornal local, que juntos realizam uma denúncia da violência contra a mulher, e também uma reflexão sobre como as vítimas lidam com seus traumas.

Palavras-Chave: Denúncia artística. Violência de Gênero. Feminismo. Arte Pública.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer imensamente meus pais, Isabel e Ildefonso, que sempre me incentivaram a seguir meus objetivos, que nunca deixaram de acreditar no meu potencial, além de me proverem muito amor, compreensão e apoio durante toda a minha vida.

Ao Rodrigo, meu parceiro, agradeço por todo o amor e carinho que recebo desde o dia em que nos conhecemos, a todo o suporte emocional e físico para a realização desta pesquisa, e por ser meu abrigo nos momentos mais conturbados.

As minhas amigas, em especial à Bruna e Priscila, que nunca me deixaram pensar em desistir, que sempre me instigaram a criar e levar minha pesquisa adiante, e por sempre estarem ao meu lado me apoiando e incentivando.

Agradeço à minha orientadora Glaucis, que desde o primeiro dia me incentivou a aprofundar minha pesquisa com confiança, que sempre me propôs reflexões e ideias essenciais para o desenvolvimento do presente trabalho, e pela compreensão e otimismo que me transmitiu durante o decorrer deste ano.

Por fim, agradeço às minhas professoras Silvana e Mara, que acompanharam meu desenvolvimento e crescimento durante os quatro anos de graduação, por aceitarem o convite de participar da banca avaliadora, e por fazerem parte da finalização deste ciclo.

*Eu não estou mais aceitando as coisas que
eu não posso mudar, eu estou mudando
as coisas que não posso aceitar.*

-Angela Davis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Nan Goldin, <i>Nan One Month After Being Battered</i> (1984).....	14
Figura 2 –	Campanha Você não está sozinha, Instituto Avon.....	16
Figura 3 –	Júlia Bellini, <i>Ponto de Vista</i> (2021), Frame, 1:01.....	17
Figura 4 –	Júlia Bellini, <i>Ponto de Vista</i> (2021), Frame, 1:18.....	17
Figura 5 –	Ana Mendieta, <i>Untitled (Rape scene)</i> (1973).....	20
Figura 6 –	Júlia Bellini, <i>Aviso de Gatilho</i> (2021).....	22
Figura 7 –	Júlia Bellini, Recorte de <i>Aviso de Gatilho</i> (2021).....	24
Figura 8 –	Mona Hatoum, <i>So Much I Want to Say</i> (1983), frame 2:31.....	25
Figura 9 –	Regina Parra, <i>Algumas Escaparam</i> (2019).....	28
Figura 10 –	Júlia Bellini, <i>Outras não</i> (2021).....	30
Figura 11 –	Barbara Kruguer, <i>Untitled (Your Body is a Battleground)</i> (1989).....	31
Figura 12 –	Suzanne Lacy, <i>Three Weeks in May</i> (1977), frame 1:58.....	33
Figura 13 –	Phranc e Judith Loischild, <i>Three Weeks in May</i> (1977).....	34
Figura 14 –	Leslie Labowitz, <i>Three Weeks in May</i> (1977).....	35
Figura 15 –	Suzanne Lacy e Leslie Labowitz, <i>In Mourning and In Rage</i> (1977).....	37
Figura 16 –	Júlia Bellini, Recorte de <i>Poéticas da dor</i> (2022).....	40
Figura 17 –	Júlia Bellini, recortes de <i>Poéticas da dor</i> (2022).....	40
Figura 18 –	Júlia Bellini, <i>O que sobra de mim?</i> (2021).....	43
Figura 19 –	Júlia Bellini, <i>Poéticas da Dor</i> (2022), frame 4:05.....	45
Figura 20 –	Júlia Bellini, Instalação de <i>Poéticas da Dor</i> (2022).....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEAM	Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TRÊS ATOS.....	11
2.1 ATO I: VIOLÊNCIA FÍSICA.....	13
2.2 ATO II: VIOLÊNCIA SEXUAL.....	19
2.3 ATO III: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	23
3 A NOSSA VOZ SERÁ OUVIDA.....	27
3.1 ARTE PARA TODOS.....	27
3.2 VERMELHO SANGUE.....	37
4 POÉTICAS DA DOR.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher hoje é saber que, independentemente da idade, cor, nacionalidade, características físicas, classe social e roupas, nos encontramos constantemente em perigo de sofrer violência em função do gênero. Atualmente, o Brasil se encontra em 80º lugar no *ranking Women, Peace and Security Index*¹ que analisa a qualidade de vida para mulheres. A pesquisa realizada pelo Instituto para Mulheres da Universidade de Georgetown (EUA) constatou que, dentre todos os países da América Latina, nós recebemos a pior pontuação. Os debates acerca da violência contra as mulheres acontecem há décadas através do movimento feminista, entretanto, se considerarmos que ela se encontra presente em grande escala até os dias atuais, é essencial que continuemos a tornar pública a conversa, afinal, é preciso que a sociedade se una como um todo, para que assim mudanças ocorram.

Tendo em vista que a arte possui um grande poder de denúncia, milhares de obras foram desenvolvidas por artistas no decorrer dos anos, relatando e problematizando este tema. A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma denúncia sobre o problema da violência contra a mulher, através da investigação de manifestações artísticas que foram feitas ao desde os anos 1970, para por fim, produzir uma instalação que, de maneira poética, aborde essas denúncias. Meu interesse acerca deste assunto surge através de uma experiência própria de abuso sexual. Os trabalhos que antecedem esta pesquisa, e aparecem aqui citados como indicadores de um caminho inicial, refletem esta experiência. Tratam-se de obras autobiográficas desenvolvidas durante os últimos dois anos, que expõem situações às quais as palavras não eram capazes de relatar.

A investigação bibliográfica realizada ao longo do percurso da pesquisa fundamentou tanto a produção artística, como a produção do texto para a apresentação da monografia, que procura responder: Tendo em vista que a violência contra a mulher vem a muito tempo sendo naturalizada em nossa sociedade, como uma pesquisa pessoal em arte pode denunciar e debater essas ocorrências tão frequentes? De que maneira é possível, através de uma criação vídeo gráfica, expor e problematizar situações de violência de gênero, mais especificamente contra a mulher?

¹ Em tradução livre: Índice de Mulheres, paz e segurança. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/veja-quais-os-melhores-e-os-piores-paises-para-ser-mulher-nos-quesitos-inclusao-justica-e-seguranca.ghtml>. Acesso em: 27 Nov. 2022.

Portanto, início a pesquisa em busca de dados acerca das diversas formas de violência contra a mulher, desenvolvidas por institutos de pesquisa brasileiros, em especial, o realizado por Julio Jacobo Waiselfisz (2015). As informações aparecem no decorrer do trabalho, para a comprovação dos números alarmantes de ocorrências criminais relacionadas. Igualmente, aprofundo o levantamento de artigos que tratam sobre a violência de gênero, e as denúncias artísticas contra a violência de gênero, como: Lourdes Maria Bandeira (2014); Maria José Magalhães (2012) e Aline Martinelli (2020). Acerca da representação dos salões de beleza para a comunidade feminina, trago o artigo de Ferreira (2017). Em relação aos livros, utilizo três diferentes autoras, sendo elas Bell Hooks (2000), Elsa Dorlin (2008), e Silvia Federici (2019). A escolha se deu em função das três autoras serem referência em questões de gênero e feminismo.

Inicialmente, uma análise é realizada em relação aos três tipos de violência contra a mulher com maior incidência no Brasil, explicando-as através das definições da Lei Maria da Penha. Como exemplificação de como elas ocorrem, trago obras de três artistas e duas autorais. Nan Goldin (1953), com sua fotografia *Nan One Month After Being Battered*² (1984), é escolhida para a violência doméstica, Ana Mendieta (1948-85) com a performance *Untitled (rape scene)*³ (1972), trata sobre a violência sexual, e por fim, Mona Hatoum (1952), com o vídeo/performance *So Much I Want to Asy*⁴ (1983), retratando a violência psicológica. Ademais, apresento dois trabalhos autorais, sendo um deles o vídeo *Ponto de Vista* (2021), e o objeto *Aviso de Gatilho* (2021).

No capítulo seguinte, realizo um estudo sobre as manifestações artísticas acerca do assunto, produzidas por artistas mulheres. Obras de Regina Parra (1984), Barbara Kruger (1945), Suzanne Lacy (1945) e Leslie Labowitz (1946), são analisadas em razão do caráter de denúncia ao qual todas fazem parte. A arte pública, presente em todos os trabalhos, também é explorada, servindo como referência para minha produção autoral. Além disso, introduzo uma nova produção realizada neste ano, intitulada *Outras não* (2022), que conta com diversos adesivos espalhados pela área central da cidade de Caxias do Sul.

² Em tradução livre: Nan um mês após ser espancada.

³ Em tradução livre: Sem título (cena de estupro).

⁴ Em tradução livre: Tenho tanto a dizer.

A cor vermelha, presente em seis trabalhos analisados nesse TCC, é examinada através do ponto de vista histórico, e de algumas de suas simbologias, em especial a do fogo e do sangue. Para resgatar os significados existentes, três autores foram escolhidos como referências, sendo eles: Pastoureau (2005 e 2016) e Simmonet (2005), e Heller (2014). Assim, apresento uma série de lambe-lambes, que fazem parte da produção artística de minha pesquisa, contendo trechos de reportagens do jornal *Pioneiro* do 2º semestre de 2022, que expunham casos de violência contra a mulher. Eles possuem, como propósito principal, a denúncia dos crimes de forma acessível não somente a aqueles que frequentam exposições de arte, mas também para o público em geral, enquanto frequenta locais públicos.

No terceiro e último capítulo, realizo uma análise sobre o que resta, física e psicologicamente, das vítimas, que recorrentemente são largadas à mercê da sorte, com pouquíssimos recursos de tratamento. Inicialmente, apresento o trabalho autoral *O que sobra de mim?* (2021), objeto que foi produzido através de uma proposta alternativa, e que, em função da linha de pesquisa sobre a violência contra a mulher que possuo há aproximadamente dois anos, foi ressignificado. Por fim, exploro o conceito de sororidade⁵, abordando o vídeo que pertence a minha produção da presente pesquisa, onde faço a pintura das unhas de outra mulher. O movimento de pintá-las surge através da ideia de que o salão de beleza, por muitas vezes, torna-se um lugar de apoio e aconchego às mulheres, que o frequentam para realizar serviços, e acabam conversando com as profissionais sobre suas questões pessoais, incluindo seus traumas. Para a finalização da produção, optei por apresentar ambas as partes juntas, de forma que, ao mesmo tempo que se visualiza os horrores citados nos trechos dos lambes, também pode-se perceber que essas mulheres continuam ali, seguindo em frente.

Através dos estudos e análises realizados durante o período de produção da presente pesquisa, pode-se concluir que, a violência contra a mulher é intrínseca em nossa sociedade patriarcal, e principalmente nas mentes masculinas. Os debates são indispensáveis, e a arte possui uma enorme capacidade de iniciar as discussões necessárias para levar a cabo as transformações que nossa sociedade necessita.

⁵ A sororidade é uma concepção ideal e atitudinal de irmandade feminina vinculada aos feminismos contemporâneos. Ela reorienta a percepção e atitude de uma mulher perante outra por meio da simpatia, acolhida e colaboração que abarcam desde situações simples do dia a dia até projetos sistemáticos de apoio mútuo entre mulheres. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-sororidade.htm#:~:text=A%20palavra%20sororidade%20vem%20do,solidariedade%20e%20acolhimento%20entre%20mulheres>. Acesso em: 27 Nov. 2022.

2 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TRÊS ATOS

Não é nenhuma novidade o fato de crescermos e vivermos em uma sociedade patriarcal, onde as mulheres vêm sendo oprimidas e rebaixadas desde tempos imemoriais. Apesar disso, foram nos últimos dois séculos em que movimentos sociais em prol das mulheres se iniciaram, combatendo a subjugação masculina, e por consequência, exigindo direitos igualitários entre todos os gêneros. Lamentavelmente, apesar de muitas mudanças positivas terem ocorrido, inúmeras sequelas negativas ainda permanecem enraizadas na mentalidade de uma grande parcela da população. Infelizmente, esse comportamento se encontra intrínseco na mentalidade da sociedade desde que as relações sociais começaram a existir. Isso se dá em função da concretização do sistema patriarcal, no qual o homem detém o poder econômico, político e social sobre o gênero feminino, que por consequência, exerce um comportamento de submissão. Segundo Bell Hooks: Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto (HOOKS, 2000, p. 13-14).

As relações sociais foram, ao longo dos séculos, sendo cada vez mais consolidadas para que a dominância do gênero masculino fosse levada ao extremo. Posições de poder, como na política, até os dias atuais são majoritariamente ocupadas por homens, que tomam decisões sobre uma série de aspectos que afetam as mulheres diretamente. Procedimentos pós estupro⁶, violência física, e abuso psicológico, assim como as punições aos violentadores, são, muitas vezes, definidas por indivíduos que jamais conseguirão compreender as consequências que tais crimes causam nas vítimas. Além disso, os perpetradores dessas violências, constantemente saem impunes da situação. Entender isso faz com que possamos compreender sobre a forma como o patriarcado continua intrínseco em nossa realidade.

Conforme a Lei Maria da Penha, Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V⁷, estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Para a presente pesquisa, abordaremos as três que possuem maior **incidência, que se tratam da física** (48,7%), psicológica (23%), e sexual (11,9%), segundo o

⁶ Dentro dos procedimentos pós estupro, refiro-me ao boletim de ocorrência, a perícia, aos exames laboratoriais, medicamentos para DSTs e gravidez, e acompanhamento psicológico. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/como-e-o-atendimento-medico-a-uma-vitima-de-estupro.ghtml>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 05 Nov. 2022.

sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz (2015). Segundo a lei citada acima, as três violências trazidas possuem como definição:

- I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.⁸

Em uma sociedade como a brasileira, definida em suas relações sociais pelo machismo, uma das adversidades mais expressivas que podemos constatar é a violência contra a mulher, que ocorre de diversas formas, e constantemente ao mesmo tempo. Para que se possa compreender de maneira mais clara os efeitos que as diversas formas de violência causam nas vítimas, e na sociedade como um todo, é importante entender como se caracterizam, e como se manifestam no cotidiano. Igualmente, é essencial que conheçamos as estatísticas, para que se tenha uma visão ampla da problemática. Segundo a filósofa e professora francesa, Elsa Dorlin:

O Pai, o falo e seu poder separador original nada mais são do que um dispositivo histórico pelo qual se tenta manter a “diferença entre os sexos e as gerações”, ou seja, o assujeitamento das mulheres, a heterossexualização do desejo e o monopólio da violência doméstica legítima (DORLIN, 2008, p. 101).

Levando em consideração a forma como nossa sociedade encontra-se estruturada, é comum que os cidadãos, independentemente do seu gênero, cresçam aprendendo, mesmo que de maneira implícita, a discrepância social entre mulheres e homens. Habitualmente, escutamos comentários sobre uma mesma situação que exemplificam essa diferença: quando, por exemplo, um homem relaciona-se com muitas mulheres, denominam-no de "ganhão", entretanto, se uma mulher vivencia a mesma situação, diversos termos pejorativos são adotados, como "puta" e "vagabunda". Diante disso, pode-se inferir que a raiz dessa cultura de inferiorização do sexo feminino, dá-se, principalmente, em função da maneira como a história vem acontecendo, em que os homens detêm, além do poder sob as decisões, e por consequência, sobre nossos corpos,

⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 05 Nov. 2022.

a validação de suas atitudes, mesmo que sejam ruins. Infelizmente, é assim que a violência contra as mulheres acontece com tanta frequência, e com tamanha naturalidade.

2.1 ATO I: VIOLÊNCIA FÍSICA

Um dos maiores problemas que enfrentamos hoje como sociedade são as violências veladas que ocorrem dentro das casas, perpetuadas pelos homens, e que normalmente têm como vítimas as esposas e namoradas. De janeiro a junho de 2022, mais de 30 mil denúncias⁹ de violência doméstica contra pessoas do gênero feminino foram registradas no país, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. É inaceitável que essa forma de crime ainda aconteça tão recorrentemente. Assim como diz Aline Martinelli, mestre em Criminologia pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal:

[...] a violência contra a mulher ocupa uma dimensão alarmante no país, e este quadro se deteriora ainda mais se forem consideradas as taxas de subnotificação, em que a mulher, por medo do agressor ou do julgamento social, opta por não realizar a denúncia junto às autoridades competentes (MARTINELLI, 2020, p. 30).

Levando em consideração que, na grande maioria dos casos, a vítima encontra-se aterrorizada com possíveis retaliações por parte do agressor, caso terceiros tomem conhecimento dos horrores por eles praticados, pode-se pressupor que os números oficiais são apenas uma parcela dos crimes. A violência doméstica dá-se com maior frequência do que conseguimos imaginar, muitas vezes com mulheres que não transparecem a dificuldade da situação e, até mesmo, não compreendem o que de fato ocorre dentro de suas casas. Tendo em conta que a sensação de posse sobre as mulheres é inerente ao sexo masculino, inúmeros homens alegam que tais atitudes se dão como uma forma de cuidado e proteção. Essa história, que nos é contada desde sempre, trata-se apenas de um facilitador, para que atos criminosos sejam cometidos, e que não haja punição pois, como diz o ditado popular: "em briga de marido e mulher, não se mete a colher". Devemos sim meter a colher, o garfo e a faca, afinal de contas, como sociedade, é essencial que apoiemos a disseminação das denúncias, e que espalhem o conhecimento para que cada vez mais mulheres se sintam seguras em sair de relações abusivas.

⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar#:~:text=No%20primeiro%20semestre%20de%202022,viol%C3%A2ncia%20dom%C3%A9stica%20contra%20as%20mulheres>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

Para que se possa compreender a violência instaurada no cotidiano de muitas mulheres, trago uma imagem da série *The Ballad of Sexual Dependency*¹⁰, produzida no ano de 1986. Dentre as quase 700 fotografias tiradas pela artista americana Nan Goldin, trago a imagem *Nan One Month After Being Battered*¹¹ (1984), onde a artista posa para a câmera, como forma de denúncia, mostrando sua face com múltiplas marcas de agressão causadas pelo seu companheiro da época. Nota-se que ela posa para câmera arrumada, adornada com brincos e colares, usando batom vermelho e com cabelos brilhantes, mas sem intenção nenhuma de esconder seus hematomas e cicatrizes. Além disso, apesar da história por trás da fotografia ser conhecida, Nan Goldin não cita o nome de seu agressor no título da fotografia, trazendo a ideia de que o trabalho não se trata somente do seu caso em específico, mas sim da realidade de milhares de mulheres ao redor do mundo.

Figura 1 – Nan Goldin, *Nan One Month After Being Battered* (1984)



Fonte: Tate. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/goldin-nan-one-month-after-being-battered-p78045>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

A série *The Ballad of Sexual Dependency* (GOLDIN, 1986) surge, segundo entrevista concedida pela artista ao *Museum of Contemporary Art* no ano de 2013, da necessidade do registro de acontecimentos de sua vida. Aos onze anos de idade a artista perde sua irmã Barbara

¹⁰ Em tradução livre: A balada da dependência sexual.

¹¹ Em tradução livre: Nan um mês após ser espancada.

Holly Goldin, que comete suicídio, deixando uma marca que a afetou imensamente. Com o passar dos anos, as lembranças em relação ao seu passado e sobre sua irmã foram desaparecendo, surgindo, assim, a necessidade do uso da fotografia para o registro de acontecimentos de sua vida, como um meio de preservação e também elaboração de uma memória. Através da documentação de sua vida e da de seus amigos, em que o amor, dor, perda, doenças, violência e uso de drogas, são temas abordados em suas imagens, e funcionam como uma forma de diário aberto sobre uma parte de seu cotidiano, Goldin apresenta a sua realidade, incluindo o fato de ter sido vítima de violência doméstica. A série de fotografias *The Ballad of Sexual Dependency* (GOLDIN, 1984), que inicialmente era apresentada como projeção de slides, conjuntamente com uma trilha sonora, e depois transformou-se em um livro, tinha a intenção de apresentar registros dos problemas das relações interpessoais, evidenciando a dificuldade em diferenciar a intimidade e a autonomia. O enfoque principal dá-se entre as relações heterossexuais, pois, segundo a artista, homens e mulheres falam línguas diferentes, que resultam, muitas vezes, em violências. Segundo a filósofa contemporânea, professora e feminista italiana Silvia Federici,

[...] a violência sempre esteve presente na família nuclear como uma mensagem nas entrelinhas, uma possibilidade, porque os homens, graças a seus salários, conquistam o poder de supervisionar o trabalho doméstico não remunerado das mulheres, de usar as mulheres como serviçais e de punir sua recusa de trabalho. Por isso, a violência doméstica praticada pelos homens não foi, até recentemente, considerada um crime (FEDERICI, 2019, p. 93).

A violência doméstica transforma milhares de mulheres em vítimas encarceradas dentro de suas próprias casas, que têm não somente sua integridade física prejudicada, mas também a mental. Isso se dá em função da cultura patriarcal inerente à toda a sociedade. Pensando na forma como o cotidiano dessas mulheres são afetados, apresento um trabalho autoral. Movida pelo meu desejo de aprofundar a pesquisa sobre a violência de gênero, assim como no interesse em trabalhar com a linguagem do vídeo para elaborar as cenas destas violências, desenvolvo a peça intitulada *Ponto de Vista* (2021). No vídeo, composto por três atos, aproprio-me de seis dos sete anúncios da campanha *Você não está sozinha*, desenvolvida pelo Instituto Avon¹² em 2019. Cada texto narra uma história diferente de violência contra a mulher através do ponto de vista de um objeto da casa. São eles: um sapato de salto, uma vassoura, um ursinho de pelúcia,

¹² Criado em 2003 para expandir a visão de transformação social da Avon, o Instituto Avon nasceu com a missão de identificar e materializar iniciativas e projetos que impactem, de forma positiva e perene, o bem-estar e a saúde física e psicológica da mulher. Hoje, o Instituto está representado em 100% do território brasileiro, por meio da rede de Representantes Avon e seus parceiros, que disseminam informação e conscientização a milhões de pessoas, todos os dias, para que saibam como agir e onde buscar apoio. Disponível em: <https://institutoavon.org.br/instituto-avon/?post=nossa-historia>. Acesso em: 5 Nov. 2022.

uma taça de vinho, uma panela e uma almofada. O vídeo retrata o cotidiano de uma mulher que sofre violência doméstica. Sem mostrar seu rosto, ele apresenta a personagem no seu dia a dia, cozinhando, limpando, arrumando a casa, e interagindo com os seis objetos oriundos da campanha. As imagens são capturadas sem que apareçam os rostos dos personagens humanos. Isso se dá ao fato de que as pessoas representadas podem ser e estar em qualquer lugar, inclusive e principalmente, naqueles que não imaginamos. Por consequência, o enfoque visual do trabalho são os objetos e as ações da personagem principal.

Figura 2 – Campanha Você não está sozinha, Instituto Avon



Fonte: Meio e Mensagem. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/04/10/violencia-contra-a-mulher-como-a-avon-combate-nessa-luta.html>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

Ponto de Vista (BELLINI, 2021) inicia com a personagem feminina chegando em casa vestindo o sapato de salto. Após, entra em seu quarto e retira um urso de pelúcia do chão, colocando-o na cama. Direciona-se para a cozinha, e lá prepara uma refeição em uma panela,

ao mesmo tempo que toma vinho em uma taça. Por fim, varre o chão da sala com uma vassoura, e ajeita as almofadas em seu sofá. Durante o primeiro ato, é possível ouvir pássaros cantando ao fundo, e tudo ocorre lentamente.

Figura 3 – Júlia Bellini, *Ponto de Vista* (2021), *Frame 1:01*



Fonte: Canal do Youtube de Júlia Bellini. Disponível em: <https://youtu.be/Ec-G8VFUVBg>. Acesso em: 9 Nov. 2022.

No segundo ato, através da visualização dos pés e pernas, um homem passa pela porta da casa, entrando em cena. Este é o único momento em que uma figura masculina aparece. A partir daí o som dos pássaros para, representando o fim do momento de paz da mulher, e inicia suavemente ao fundo o tique-taque de um relógio, como se as horas estivessem sendo contadas apreensivamente. Além disso, o ritmo do vídeo é acelerado. Ainda neste ato, a personagem aparece guardando todos os objetos citados acima em seus devidos lugares.

Figura 4 – Júlia Bellini, *Ponto de Vista* (2021), *Frame 1:18*



Fonte: Canal do Youtube de Júlia Bellini <https://www.youtube.com/watch?v=Ec-G8VFUVBg> &t=66s. Acesso em: 9 Nov. 2022.

No terceiro e último ato, as imagens e os sons dos objetos aparecem intercalados, em cenas mais rápidas, buscando enfatizar a sensação de conflito e alvoroço. Na parte final do vídeo, a câmera privilegia os objetos-chave desta narrativa em detrimento dos personagens humanos, enfatizando seus lugares como testemunhas dos atos de violência que se desenrolam fora do enquadramento. Pode-se então ouvir um choro, gritos, vidros quebrando, portas batendo. Neste momento, o ritmo alcança seu ápice, as imagens duram poucos segundos, e são repetidas diversas vezes. Conclui-se o vídeo com uma tela preta e o som de um tiro, que têm, por intenção, sugerir que um crime de feminicídio foi cometido.

A questão sobre como os objetos-chave são espécies de testemunhas silenciosas e impotentes frente à violência evocada pelos sons, também é abordada. Reforçando o *slogan* da campanha, "Às vezes, a única testemunha não pode falar por você", o enquadramento focado nesses objetos conduz o espectador a partilhar esse mesmo lugar de testemunha, implicando-o na cena que se desenrola. Afinal, sabe-se que a violência doméstica, na grande maioria das vezes, acontece sem que ninguém, além do criminoso, da vítima, e da casa e seus objetos, presencie os atos ocorridos.

Pode-se observar também que, apesar da curta extensão do vídeo, uma separação em atos é feita. Essa escolha é feita a partir da constatação de que a violência doméstica, que por muitas vezes resulta em um feminicídio, se inicia com pequenos atos do agressor, que aumentam progressivamente. Infelizmente, muitas mulheres acabam dando-se conta das situações de violência e abuso nas quais se encontram apenas quando os atos chegam em seu ápice. O ciclo de violência e controle costuma iniciar com situações como o controle do poder de decisão sobre certas ações pequenas da mulher, como a escolha de vestimentas e da aparência. A partir disso, a vítima tem sua liberdade e autonomia cerceadas, e passam a "pertencer" ao esposo ou namorado. Em consequência do forte sistema patriarcal em que nos encontramos, as mulheres são tratadas, com frequência, como posses dos patriarcas das famílias, passando de seu pai para o marido, elas encontram-se tão acostumadas com as ordens, que acabam por não compreender certos comportamentos abusivos mascarados de cuidado e proteção. Segundo Bell Hooks:

Por muito tempo, o termo violência doméstica tem sido usado como um termo "suave", que sugere emergir em um contexto íntimo que é privado e de alguma maneira menos ameaçador, menos brutal, do que a violência que acontece fora do lar. Isso não procede, já que mais mulheres são espancadas e assassinadas em casa do que fora de casa (HOOKS, 2000, p. 96).

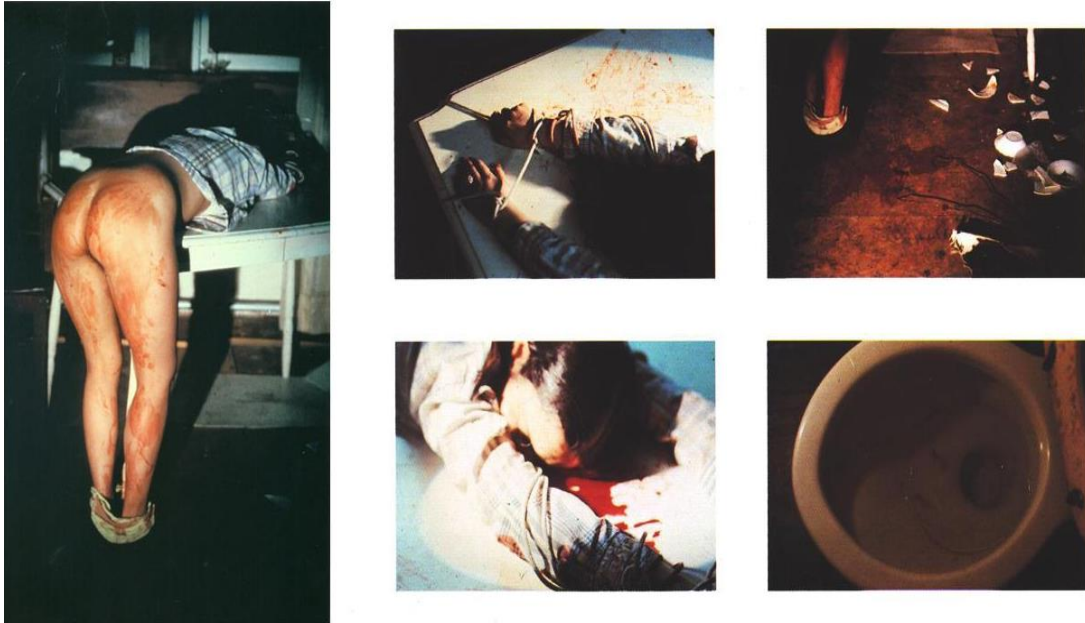
Lamentavelmente, essa forma de violência contra a mulher comprova-se ser um dos mais praticados atualmente, e geralmente, uma das mais perigosas, pois não se limita somente à violência física. Os abusos psicológicos e sexuais se intercalam, afinal o controle total sobre os corpos femininos, conforme ditam as “normas” de nossa sociedade, pertence ao patriarcado, justificando-se assim os atos hediondos cometidos todos os dias.

2.2 ATO II: VIOLÊNCIA SEXUAL

Na rua, no trabalho, nas universidades, em bares, praias, e até em suas próprias casas, mulheres podem ser agredidas e violadas, e por consequência, a lista de locais onde são reportados crimes sexuais violentos é extensa. Atos hediondos de estupro são vivenciados todos os dias por milhares de mulheres ao redor do mundo, e com o passar do tempo, as estatísticas aumentam. Por se tratar de um grande problema estabelecido em nossa sociedade, torna-se inevitável a problematização da temática no mundo da arte, que transforma produções artísticas em símbolos de denúncia e lutas. Através de uma abordagem real acerca do assunto, a artista cubana Ana Mendieta trata explicitamente sobre estas formas de violência em seu trabalho *Untitled (rape scene)* (1973), utilizando o seu corpo como objeto de representação.

No ano de 1973, a jovem, de apenas 20 anos, Sarah Ottens foi brutalmente estuprada e assassinada em seu dormitório da universidade da cidade de Los Angeles, EUA. Ana Mendieta não foi capaz de se calar frente a essa situação, assim, em menos de um mês após o crime, realizou uma performance intitulada *Untitled (rape scene)* (1973). Nua, ensanguentada e amarrada a uma mesa, Mendieta incorpora a posição na qual a vítima foi encontrada em sua residência, onde por uma hora, colegas e amigos convidados a observam em um estado extremo de vulnerabilidade. A artista é capaz de criar uma atmosfera tão próxima à realidade, que o espectador poderia acreditar ser real. E esse é o impacto de sua obra.

Figura 5 – Ana Mendieta, *Untitled (Rape scene)* (1973)



Fonte: Revista Desvio. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/o-que-aconteceu-com-ana-mendieta/>. Acesso em: 10 Nov. 2022

A artista monta uma cena que não tenta de forma alguma amenizar ou mascarar seu real caráter, de forma que o observador se sinta profundamente desconfortável. Sua posição, juntamente com a falta de vestimentas da cintura para baixo, e o fato de estar amarrada, tornam a cena mais real. A imagem, que atinge o espectador desde o primeiro contato, é chocante, brutal e crua, pois ali encontra-se um corpo degradado em múltiplos sentidos. O cenário possui um enfoque de luz direcionado apenas para o corpo ensanguentado de Mendieta, tornando assim os arredores dispensáveis, afinal, a performance não se trata sobre as circunstâncias, e sim sobre o crime cometido.

A obra de Mendieta, expondo a vulnerabilidade de seu corpo, aborda uma problemática de debate necessário, e que frequentemente é evitada por causar desconforto e aversão. Além disso, a forma na qual a obra é executada transmite a sensação de violência extrema, que impacta o espectador em diversos sentidos. Apesar de chocante, a cena performada torna-se essencial para a abertura da discussão, pois a revolta é necessária para que ocorram mudanças efetivas em nossa sociedade. A imagem que primeiro vai de encontro com nossos olhos é cruel, pois sabe-se que crimes como este ocorrem diariamente ao redor do mundo, e a probabilidade de conhecermos alguma vítima é alta. Assim, Mendieta denuncia a violência física e sexual contra corpos femininos de maneira clara e sem desvios.

A violência sexual ocorre com uma frequência assustadora, e na maioria das vezes, não é analisada com a seriedade que a situação exige, levando a cenários em que, com muita frequência, os criminosos saem impunes, e as vítimas são culpabilizadas. A roupa curta, o

batom vermelho, o olhar, os trejeitos, o álcool, e milhares de outros motivos são apresentados por aqueles que acreditam que a responsabilidade e seus atos de violência pertencem às vítimas. Dito isso, é lamentável que tais crimes não sejam julgados de maneira correta, afinal, a impunidade tem por resultado que mais abusos sexuais sejam cometidos, sem que existam punições aos violentadores.

A partir da reflexão sobre como o abuso sexual afeta a vida de vítimas de violência doméstica, apresento o trabalho autoral *Aviso de Gatilho* (2021). Para a sua produção, me apropriei do texto “Vassoura”, da campanha *Você não está sozinha*, do Instituto Avon, já citada anteriormente, utilizando elementos contidos no texto para desenvolvê-lo. A fim de enfatizar a relação da violência, manifesta na narrativa, com o objeto vassoura, adesivei no interior de uma caixa de vidro, fragmentos apropriados do texto de referência, de forma que, metafórica e literalmente, a vítima encontra-se cercada pela sua realidade. Composta por uma caixa de vidro e uma placa de mdf pintada de vermelho, *Aviso de Gatilho*, traz em seu título o comunicado de que seu conteúdo não aborda questões simples, e que podem ser sensíveis para determinados espectadores. O vermelho empregado no trabalho possui um sentido ambíguo, pois ao mesmo tempo que representa o amor e o romance, também remete a cor do sangue e da violência. Além disso, esta cor sinaliza o perigo, o proibido, assim como exemplifica Eva Heller,

o vermelho sinaliza: "Pare! Perigo!". Freios de emergência e botões de alarme são vermelhos. Nos balões, o cabo que só pode ser puxado para descida é vermelho. A cor vermelha nos diz: "Pare!", "Proibida a entrada!". Uma luz vermelha à porta de um estúdio de rádio ou de uma sala de operações significa que o acesso está proibido. No futebol, um jogador fica proibido de continuar jogando quando o árbitro da partida lhe mostra o "cartão vermelho" (HELLER, 2014, p. 108).

Dentro da caixa, encontra-se uma boneca vendada com um tecido, e com sua boca calada com um "x". A personagem é silenciada porque a sociedade, muitas vezes, força a vítima a ficar quieta e a aguentar, como se nada tivesse acontecido. O signo “x” pode representar o errado, como em uma prova escolar, assim como pode remeter a um alvo. Pode, também, ser o "x" da questão, o ponto central, nevrálgico, de um problema que precisa ser resolvido. Juntamente com a boneca, pode-se ver um pincel representando a vassoura, objeto utilizado para violentá-la na narrativa da campanha. As laterais externas da caixa foram cobertas com um adesivo preto, de forma que apenas posicionando-se na frente e de perto, é possível visualizar a cena.

Figura 6 – Júlia Bellini, *Aviso de Gatilho* (2021)



Fonte: Acervo pessoal.

Aviso de Gatilho (BELLINI, 2021), aborda a complexidade das situações de abuso vividos por diversas mulheres ao redor do mundo. As consequências da violência doméstica, que engloba não somente a violência sexual, mas a física e psicológica, é analisada através da criação do objeto. Sabe-se que na grande maioria das ocorrências de violência doméstica, as agressões partem do marido ou namorado. Segundo a pesquisa realizada por Waiselfisz (2015), o maior índice de agressores, em vítimas a partir dos 12 anos de idade, é o parceiro, com uma porcentagem de 36% de todos os casos atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ano de 2014 (WAISELFISZ, p. 48, 2015). Homens crescem aprendendo que sempre estarão acima das mulheres, e por isso, justificam para si mesmos que o uso de violência é apenas uma ferramenta para que mantenham seu poder, como nos chama atenção Bell Hooks:

Como uma multidão de homens desempregados e da classe trabalhadora dentro do patriarcado de supremacia branca não sente que tem poder no trabalho, eles são incentivados a sentir que o único lugar onde terão total autoridade e respeito é em casa. [...] Até que desaprendam o pensamento sexista que diz que eles têm direito de comandar as mulheres de qualquer forma, a violência de homens contra mulheres continuará sendo norma (HOOKS, 2000, p. 99-100).

É imprescindível que tenhamos noção de que a violência sexual segue os mesmos comportamentos dominatórios do patriarcado, onde tudo é de direito dos homens, inclusive se para consegui-lo, seja necessário agredir outra pessoa. O estupro é degradante em diversos sentidos para a vítima, pois a violação de seu corpo é brutal, assim como mostram os vídeos e filmes pornô que meninos e homens consomem regularmente.

2.3 ATO III: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Sabe-se que a grande maioria das violências domésticas se iniciam com atos de abuso psicológico. Isso se dá porque a sua maneira de manifestação é gradual, comumente iniciando com pequenos controles no dia a dia, até a supressão da liberdade. Lamentavelmente, essa forma de agressão acontece de maneira velada, o que ocasiona em um silenciamento da vítima, que muitas vezes não percebe a situação, e acaba por tolerar até que se encontre em uma situação sem saída. Além disso, as vítimas são colocadas sob pressão por parte de seus companheiros para que mantenham as agressões em segredo, caso contrário, podem sofrer retaliações. O núcleo familiar, muitas vezes, acaba por gerar um certo desconforto para a vítima, pois muitas mães, avós e irmãs, acostumadas com a violação de seus corpos e mentes por parte dos parceiros, acreditam que as relações funcionam dessa forma, e que é necessário que as mulheres aguentem em silêncio para manter a família unida. Segundo Bandeira (2014), professora titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), no artigo publicado na Revista Sociedade e Estado no ano de 2014: "Se a luta do movimento feminista foi tornar pública a violência sofrida pelas mulheres, no sentido de reconhecê-la como problema que envolve a sociedade em geral, o poder familiar ainda a silencia" (BANDEIRA, p. 457, 2014).

Essa mentalidade faz com que muitas vítimas permaneçam em relações abusivas, que com muita frequência, acabam em tragédias. O apoio psicológico é de extrema importância para que mulheres consigam realizar a denúncia e voltar à vida normal após retirar-se do lar, afinal, o sentimento de solidão e medo prendem-na em tais situações. *Aviso de Gatilho* (BELLINI, 2021), trabalho citado no subcapítulo anterior, aborda questões de silenciamento das vítimas, a partir do movimento de vendar seus olhos, costurar sua boca e trancá-la em uma

caixa. A história *Vassoura*, da campanha *Você não está sozinha*, do Instituto Avon, conclui-se com a esposa, no dia seguinte, servindo o esposo e seus amigos com um sorriso no rosto, mesmo após ter sido violentada sexualmente com o objeto vassoura. Conclui-se assim que, a vítima não consegue sair do relacionamento, pois, como dito antes, o medo de sofrer maiores violências caso o faça, é muito maior, e acaba por controlá-la. No objeto, a boneca é apresentada nua e vulnerável, com a privação dos seus sentidos da fala e visão, presa em uma cúpula sem saída alguma. Ela encontra-se encarcerada no que deveria ser seu lar, seu local de segurança e conforto, mas o que enfrenta é uma realidade cruel, em que o seu ser é humilhado e degradado, e o medo a paralisa.

Figura 7 – Júlia Bellini, Recorte de *Aviso de Gatilho* (2021)



Fonte: Acervo pessoal.

O abuso psicológico, além de acontecer dentro das casas, e, portanto, no meio familiar, também ocorre entre outros núcleos da sociedade, como por exemplo nas delegacias¹³, que

¹³ Nos anos de 1980, o Brasil concebeu, em função da pressão desempenhada pelo movimento feminista, as *Delegacias de Atendimento às Mulheres*, conhecidas também como DEAM's. É importante ressaltar que tal recurso auxiliou de maneira imensurável a comunidade feminina, pois permitiu que um atendimento especializado fosse oferecido às vítimas. Atualmente, o país conta com quase 500 unidades ao redor de seu território. Entretanto, pelo fato do Brasil ter uma extensão continental, milhares de cidades acabam por não receber nenhuma unidade especializada, e por consequência, milhares de vítimas são obrigadas a recorrer às delegacias comuns, que, como dito anteriormente, não têm suporte e treinamento necessários para tratar do mesmo. A situação acaba por ser desmotivadora para as mulheres que se encontram em situações de violência, e, portanto, acabam por manter a situação em segredo, e dessa maneira, acabam por sofrer mais. (BANDEIRA, 2014, p. 453)

muitas vezes, não tem servidores capacitados para atender vítimas. Repetidamente escuta-se sobre mulheres que sofreram alguma forma de coação, por parte das delegacias, para que não realizem denúncias de violência doméstica e sexual, e no caso do último, manipulando-as a manter gestações indesejadas, frutos de um estupro. A denúncia por si é considerada um ato de enorme coragem, pois o medo, muitas vezes, é vencedor, portanto, é inadmissível que nos locais de refúgio e segurança onde a vítima expõe sua situação sejam espaços que reverberam mais violência. O silenciamento das vítimas também mata, afinal, caso tivessem conseguido realizar a denúncia, muitos feminicídios poderiam ter sido evitados. Para demonstrar esse sentimento, trago o trabalho da artista Mona Hatoum, intitulado *So Much I Want to Say*¹⁴ (1983). A obra, que inicialmente foi criada por meio de uma performance, e depois transformada em vídeo, foi executada a partir da transmissão de imagens ao vivo através de um satélite em *slowscan*¹⁵ entre as cidades de Viena e Vancouver, na qual envia diferentes imagens a cada 8 segundos, de forma pausada, com som via linha telefônica. *So Much I Want to Say* trata-se de um vídeo composto por diversas imagens estáticas da artista com mãos masculinas tapando a sua boca, e por consequência a silenciando, enquanto tenta falar as palavras do título.

Figura 8 – Mona Hatoum, *So Much I Want to Say* (1983), *frame 2:31*



Fonte: <https://vimeo.com/262094223>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

¹⁴ Em tradução livre: Tenho tanto a dizer.

¹⁵ Em tradução livre: Varredura lenta.

O silenciamento, praticado por parte da figura masculina apresentada no trabalho, faz com que imaginemos o que a artista gostaria de falar, afinal, se não se tratasse de algo sério, não haveria a necessidade de calá-la. Além disso, a obra videográfica exemplifica perfeitamente a forma como a violência psicológica acontece, principalmente pelo fato do agressor costumar ser do sexo masculino, e a vítima, muitas vezes, gostaria de falar o que está passando, e realizar uma denúncia, mas sofre opressão e ameaças por parte do homem. Segundo Lourdes Maria Bandeira, a violência psicológica:

Trata-se da argamassa para todos os outros tipos de violência de gênero, podendo ocorrer sem ofensa verbal explícita, por meio de gestos, atitudes ou olhares, uma vez que se inscreve no ambiente costumeiro. São exemplos de violência moral: humilhação, intimidação, desqualificação, ridicularização, coação moral, suspeitas, desqualificação da sexualidade, desvalorização cotidiana da mulher como pessoa, de sua personalidade, do seu corpo, das suas capacidades cognitivas, de seu trabalho, de seu valor moral, dentre outras (BANDEIRA, 2014, p. 459).

A percepção da vítima sobre esse formato de violência contra a mulher é de extrema importância, afinal, conforme dito acima, normalmente, a violência doméstica inicia-se com agressões verbais e controle. É essencial que saibamos como ela funciona, pois isso pode prevenir que muitas mulheres se tornem vítimas, e consigam sair da relação antes que chegue a um ponto extremo.

3 A NOSSA VOZ SERÁ OUVIDA

Diante de todos os fatos e considerações citados anteriormente, é importante indicar que as mulheres vêm lutando pelo seu direito à segurança há muito tempo. O movimento feminista, desde os seus primórdios, tem como propósito a reivindicação dos direitos das mulheres, que infelizmente foram, e recorrentemente ainda são, negados. A exposição de situações em que mulheres têm sua segurança física e psicológica comprometidas, são tentativas de fazer com que a sociedade, como um todo, compreenda a importância de discutir essas situações, para que mudanças efetivas aconteçam em prol da comunidade feminina. Tendo em vista isso, surge a grande necessidade de trazer o assunto à tona como uma forma de denúncia, de maneira que, problematizando-o, as discussões ganhem maior visibilidade. Conforme Maria José Magalhães:

[...] a arte, articulada com a política feminista, pode ser uma poderosa ferramenta para a transformação social. [...] o sujeito moderno masculino e dominador é produzido por um conjunto de forças e mecanismos sociais, sendo necessário desafiar esta construção social, se queremos produzir mudança social (MAGALHÃES, 2012, p.105).

À vista disso, é imprescindível que conheçamos diferentes manifestações artísticas que abordam o contexto da violência contra a mulher, sejam elas de maneira explícita ou não. No presente capítulo serão apresentadas quatro artistas, além de duas produções autorais, que evidenciam a necessidade e o poder de denúncia da arte. Trabalhos desenvolvidos desde os anos 1970 até os dias atuais serão analisados, corroborando com a ideia de que, a exposição do assunto é essencial para que debates sejam realizados, de forma que mudanças possam ocorrer em nossa sociedade.

3.1 ARTE PARA TODOS

Inicialmente, apresento o neon *Algumas escaparam* (2019), da brasileira Regina Parra, que possui uma produção majoritariamente focada no corpo feminino, comumente tido com frágil. Em *Algumas Escaparam* (PARRA, 2019), a artista resgata um fragmento da tragédia grega de Eurípedes, intitulada *As Bacantes* (405 a.C.), na qual abordava a história de mulheres que cultuavam o deus Dionísio através de rituais de dança, música, sexo e bebidas. A frase que compõe o neon é retirada de um diálogo do rei Penteu, um dos personagens da tragédia: “Claro que é só sexo, eu coloquei a maioria delas na cadeia, algumas escaparam”. Algumas escaparam,

de acordo com Parra, se relaciona com os tempos atuais em que nos inserimos, onde as autoridades conversadoras e controladoras tentam dominar os corpos femininos. É lamentável que, os cidadãos que se encontram no poder, e que conseqüentemente tomam decisões que afetam diretamente nossas vidas, são em sua grande maioria homens. A citação utilizada pela artista exemplifica a situação em que muitas vítimas se encontram, nas quais conseguem, seja da forma que, for escapar de relacionamentos abusivos, e continuam com suas vidas. Entretanto, é necessário reconhecer que, muitas mulheres não conseguem fugir, seja por medo ou vergonha.

Figura 9 – Regina Parra, *Algumas Escaparam* (2019)



Fonte: Disponível em: https://reginaparra.com/exhibitions/6/installation_shots/image_standalone14/. Acesso: 16 Nov. 2022.

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa, deparei-me com diversas histórias de violências cometidas contra mulheres. Foram e, infelizmente, ainda são, histórias comuns e que atingem um enorme número de mulheres. Impregnada por essas histórias, senti a necessidade de estabelecer um diálogo que apontasse para a triste realidade, nas quais muitas mulheres não conseguem fugir quando se encontram em situações de violência. Apropriando-me da frase presente no trabalho de Parra citado antes, realizo a continuação da sentença, intitulada *Outras não* (2022). Nelas, encontram-se três autorretratos na escala de tons de cinzas, em posições onde minhas mãos praticam atos de violência contra meu próprio corpo, como o sufocamento,

apertões e arranhões. No canto inferior, situa-se a frase "algumas escaparam, outras não" em vermelho, assim como as bordas laterais que formam uma moldura ao redor das fotografias.

Durante a criação do trabalho, surgiu a necessidade de utilizar estratégias que permitam que ele fosse visto pelo público, para além das limitações de espaços expositivos institucionais, e se disseminasse pelo espaço da cidade, pelas ruas. Pensando neste propósito, de levá-lo para outros espaços além do campus universitário, a Arte Pública aparece como uma solução. Segundo o artista e professor titular do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense, Luiz Sérgio de Oliveira, em seu artigo

[...] se a arte avança em direção a outras possibilidades de ocupação do espaço público, eventualmente desmaterializada em ações de cunho performativo que se esmeram em potencializar as possibilidades da arte em sua caminhada/expansão no mundo mundano, outras questões e outras surpresas se impõem, representadas por aqueles que, distanciados do mundo da arte, têm a oferecer ao artista um material social e humano que pode (e) levar a produção do artista a outros patamares, ou melhor dizendo, ajudando-o a manter sua produção no lugar ao qual pertence, ao rés do chão do mundo que é especial exatamente por ser mundano (OLIVEIRA, 2019, p. 241).

À vista disso, as manifestações artísticas públicas, construídas com as mais diversas mídias, tiram a arte de um pedestal, e acabam por democratizá-la. Dessa forma, o público, que normalmente não teria contato com as mesmas, ganha acesso simplesmente por estar na rua. Quando se fala em denúncias, é essencial que elas explorem ambientes além dos que comumente possuem arte presente, e sejam expostas para a todos. Desse modo, optei pela impressão de adesivos em vinil, no tamanho de 7 x 7 cm, com a tiragem de 100 unidades de cada imagem, totalizando em 300 peças, que foram espalhados pelos postes do centro da cidade de Caxias do Sul/RS. Os focos de distribuição foram as sinaleiras, local de grande fluxo de pedestres que aguardam para realizar a travessia, em ruas movimentadas do centro, em praças e em frente a casas de festa e bares. O intuito de levar às ruas da cidade a mensagem contida nos adesivos era de promover uma maior conscientização, através do contato de um número maior de pessoas com os adesivos, sobre a violência contra as mulheres evocada pelas imagens e texto.

Figura 10 – Júlia Bellini, *Outras não* (2022)



Fonte: Acervo pessoal.

Com o desejo de incorporar a cor vermelha nas imagens, a obra *Untitled (Your Body is a Battleground)*¹⁶ (1989) da artista e ativista Barbara Kruger, surge como referência, tanto pelo *layout* de seus trabalhos, mas também pela história e mensagem desta criação. Durante as manifestações contra a onda de leis antiaborto sucedida em 1989 nos EUA, Kruger (1989) realiza a criação da obra, produzida especialmente para a Marcha das Mulheres em prol da liberdade reprodutiva feminina, ocorrida em Washington. A imagem traz a fotografia de uma mulher em preto e branco, com o rosto dividido pela metade em uma parte positiva, e uma negativa, com a frase *Your body is a battleground* sinalizada em faixas vermelhas. A produção, apesar de criada para um momento específico na história, pode ser representativa para inúmeros momentos em que a comunidade feminina encontra-se lutando por seus direitos de igualdade e

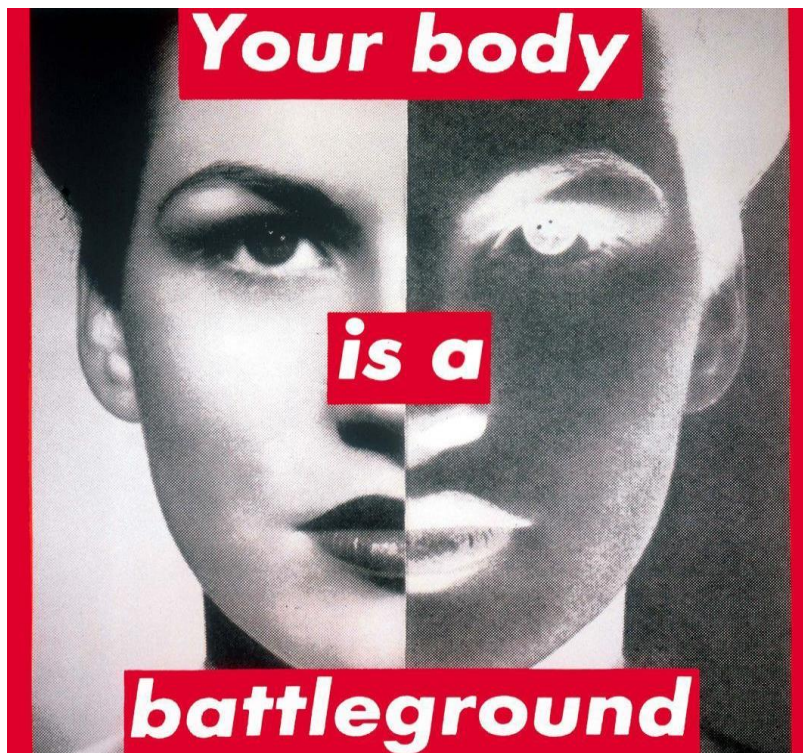
¹⁶ Em tradução livre: Sem título (Seu corpo é um campo de batalha).

justiça. A frase utilizada por Kruger aborda todo um contexto sobre como os corpos das mulheres vêm sendo violados por homens desde sempre, e a prova disso é a versão atualizada lançada pela própria artista em 2022. Segundo a revista *Dasartes*:

[...] Barbara Kruger criou uma nova versão de uma de suas obras de arte mais famosas em resposta ao vazamento de um documento da Suprema Corte dos EUA. O rascunho mostra que o órgão tem a maioria para mudar o entendimento em relação ao aborto. Com isso, a decisão *Roe vs Wade*, de 1973, seria revertida e diminuiria proteções constitucionais ao direito ao aborto¹⁷.

Conhecida por criar obras que aludem à publicidade e propagandas, seus trabalhos possuem um grande impacto visual, e uma grande disseminação em razão de sua forma de exposição, os *outdoors* em locais públicos, as camisetas, objetos múltiplos, por exemplo. Ademais, o uso da escala de tons de cinzas, juntamente com o vermelho, destaca as frases escritas. Segundo a escritora e cientista social alemã Heller (2014), a cor vermelha está presente na publicidade desde o seu princípio, afinal, informações destacadas nessa cor chamam mais atenção do espectador, se comparado com outras tonalidades.

Figura 11 – Barbara Kruger, *Untitled (Your Body is a Battleground)* (1989)



Fonte: The Broad. Disponível em: <https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger/untitled-your-body-battleground>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/barbara-kruger-atualiza-obra-iconica-novamente/>. Acesso em: 10 Nov. 2022

O trabalho *Your Body is a Battleground* (KRUGER, 1989) aborda também o fato de que os corpos femininos vêm sendo, desde os primórdios, controlados por homens em posições de poder, que ditam as regras sobre o que podemos ou não fazer com eles, independentemente de ser algo benéfico ou não para as mulheres. Ademais, a posição destes homens, corrobora com a sociedade patriarcal, validando, por consequência, o machismo presente na mentalidade de nossos pais, avôs, irmãos, filhos, namorados e esposos. Nossos corpos vêm sendo utilizados como campos de batalha há muito tempo. As violências sofridas por milhares de mulheres todos os dias ao redor do mundo, atinge números absurdos, ainda mais se levarmos em consideração que, ao menos no Brasil em 2019, a população feminina era 3,6% maior que a masculina¹⁸. É inegável que os homens também sofrem violências, entretanto, isso não se dá por serem considerados um gênero inferior, e sim por outras adversidades presentes na sociedade. Diante disso, trabalhos como o de Kruger, que contribuem para a divulgação do assunto, e geram discussões sobre, são fundamentais para que nós, como sociedade, entendamos a raiz do problema, e por consequência, mudanças efetivas aconteçam. A escritora norte-americana Bell Hooks já dizia:

A violência de homens contra mulheres já recebeu muita atenção contínua da mídia (ressaltada por casos nos tribunais reais, como o julgamento contra O. J. Simpson)¹⁹, mas a consciência não levou o público norte-americano a desafiar as causas ocultas dessa violência, a desafiar o patriarcado. O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência. (HOOKS, 2000, p. 106)

É possível inferir que a disseminação da problemática da violência contra as mulheres é essencial, e deve ser continuada até que o mundo se torne um local mais seguro e respeitoso. As manifestações artísticas possuem grande poder de comunicação, e por isso, seu potencial deve ser usufruído constantemente, através das mais diversas produções. Como exemplo de obras que fizeram a diferença em sua época, trago a artista, educadora, escritora e professora norte-americana Suzanne Lacy, com o trabalho *Three Weeks in May*²⁰ (1977). Juntamente com um grupo de artistas feministas, uma série de performances, intervenções e debates acerca das ocorrências de estupro em Los Angeles, EUA, foram realizados durante o período de três

¹⁸ Segundo o portal IBGE Educa, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

¹⁹ Orenthal James Simpson é acusado de assassinar a esposa e virar réu do que se chamou de 'julgamento do século', em um processo que movimentou a mídia e todo os Estados Unidos entre 1994 e 1995. Acabou inocentado. Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_id/6777875/o-j-simpson-e-culpado-ou-inocente-serie-espn-vencedora-do-oscar-mergulha-em-personalidade-trajetoria-e-julgamento-do-astro-da-nfl. Acesso em: 25 Nov. 2022.

²⁰ Em tradução livre: Três semanas em maio.

semanas no mês de maio. O trabalho contou com dois mapas, instalados em um shopping localizado abaixo da prefeitura da cidade. A escolha da área se deu, segundo a artista, pela necessidade de expor o trabalho em um local público, afinal, não havia sentido em colocá-lo dentro de uma galeria, enquanto alguma mulher poderia ser estuprada voltando para casa. O primeiro mapa, alimentado diariamente por informações coletadas pela própria artista na delegacia de polícia, recebia carimbos em vermelho da palavra *Rape*²¹ nos locais de crimes reportados, além de outras nove marcas mais claras ao redor dos carimbos iniciais, referenciando a estatística da época, que indicava que apenas uma entre nove mulheres denunciavam os crimes. Já o segundo, possuía carimbos em todos os locais onde existiam centros de atendimento às vítimas, que existiam em quantidade expressivamente menor do que os de ocorrências.

Figura 12 – Suzanne Lacy, *Three Weeks in May* (1977), *Frame 1:58*



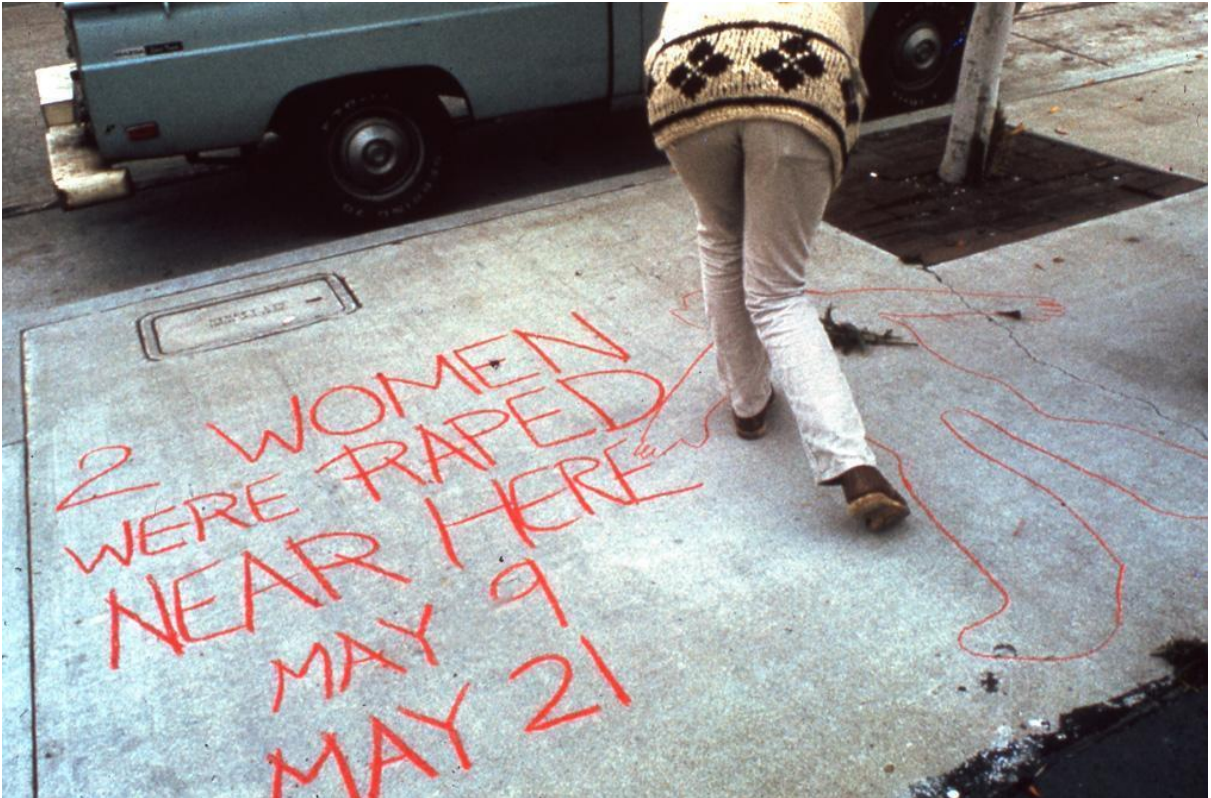
Fonte: Suzanne Lacy. Disponível em: <https://www.suzannelacy.com/performance-installation#/three-weeks-in-may/>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

Contando com a colaboração das artistas Barbara Cohen e Leslie Labowitz, dentre outras, mais de trinta eventos realizados durante o período de três semanas, em que aconteceram exposições, performances e debates, que felizmente tiveram uma grande cobertura da mídia. Além disso, em função da localização de alguns dos eventos, muitos funcionários da prefeitura de Los Angeles testemunharam e participaram das discussões. Dentre as atividades, vale

²¹ Em tradução livre: Estupro.

destacar o evento de guerrilha realizado por Phranc e Judith Loischild, na qual marcaram calçadas por toda a cidade nos locais onde estupro haviam sido reportados. A ação foi realizada de maneira na qual a atenção dos cidadãos não passasse despercebida, afinal, eles saberiam que no local onde estavam pisando, mulheres haviam sido violentadas e até mortas.

Figura 13 – Phranc e Judith Loischild, *Three Weeks in May* (1977)



Fonte: Lacy. Disponível em: <https://www.suzannelacy.com/performance-installation#/three-weeks-in-may/>. Acesso em: 19 Nov. 2022.

Outras ações relevantes foram, a apresentação elaborada por Cheri Gaulke e Barbara Smith, durante um jantar organizado para um grupo de mulheres ativistas e policiais instigadas por Lacy para aumentar a coordenação e fornecer um espaço seguro para conversas pessoais, uma demonstração de defesa pessoal em frente à prefeitura, e as diversas performances públicas de Leslie Labowitz. *Three Weeks in May* (1977), trata-se de uma manifestação artística excepcional, afinal, o grupo de artistas conseguiu, de forma inclusiva com as vítimas e com o público, trazer a discussão à tona, contando não somente com mulheres, mas também homens, que podem ter levado aprendizados valiosos para suas vidas. As denúncias artísticas, apesar de tratarem sobre tópicos complexos e impactantes, continuam até hoje sendo uma excelente maneira de fomentar a discussão sobre a violência contra as mulheres, afinal, os homens, assim como dizia Bell Hooks: “Até que desprendam o pensamento sexista que diz que eles têm direito

de comandar as mulheres de qualquer forma, a violência de homens contra mulheres continuará sendo norma (HOOKS, 2000, p. 100)”.²²

Figura 14 – Leslie Labowitz, *Three Weeks in May* (1977)



Fonte: Lacy Disponível em: <https://www.suzannelacy.com/performance-installation#/three-weeks-in-may/>. Acesso em: 19 Nov. 2022.

Outro fator a ser considerado, quando se fala sobre denúncias artísticas que possuem grande visibilidade, é que elas possuem um grande poder de influência, afinal, é importante ter como direcionamento não somente as mulheres, mas também os homens. Para que nossa sociedade se torne um lugar igualitário em relação aos gêneros, precisamos que todos eles se unam para pôr a mudança em prática. Em resumo, as denúncias precisam atingir todos os gêneros, afinal dependemos de todos eles para evoluirmos como sociedade.

Diante disso, apresento um segundo trabalho da artista Suzanne Lacy, elaborado juntamente com Leslie Labowitz, intitulado *In Mourning and In Rage*²² (1977), que possui um poder de denúncia igualmente relevante ao de *Three Weeks in May* (LACY, 1977). A performance surge através da indignação das artistas em relação ao caso do Estrangulador de Hillside²³, que naquele momento havia matado sua décima vítima mulher na cidade de Los

²² Em tradução livre: De luto e com raiva.

²³ Conhecido como o Estrangulador de Hillside, estado americano de Nova Jersey, Kenneth Bianchi é um serial killer que trabalhou com seu primo, Angelo Buono, para cometer 15 estupros e assassinatos. Em outubro de 1979, a polícia o capturou em Washington. Bianchi recebeu seis sentenças de prisão perpétua e seu primo também foi condenado, sem chance de ter a liberdade condicional. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/kenneth-bianchi-o-serial-killer-conhecido-como-o-estragulador-de-hillside.phtml>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

Angeles, EUA. Lacy e Labowitz, revoltadas com a maneira na qual a mídia sensacionalista estava cobrindo o caso, optaram por realizar uma performance, novamente em frente à prefeitura da cidade, com o objetivo de reunir a mídia e debater sobre o real problema da violência contra as mulheres, afinal, na época, a os jornais apenas divulgavam crimes se haviam detalhes brutais e/ou grandes julgamentos dos criminosos, enquanto que outros milhares de casos continuavam a acontecer diariamente. A mentalidade da sociedade da época contribuía para que homens se julgassem no direito de cometer atos absurdos contra mulheres, e por fim, quando capturados, ainda ganhavam fama e atenção midiática. Bell Hooks ressalta que:

Enquanto o pensamento sexista socializar garotos para serem "matadores", seja no imaginário do bom garoto, nas brigas dos *bad boys* ou como soldados no imperialismo mantendo o poder coercitivo sobre nações, a violência patriarcal contra mulheres e crianças vai continuar (HOOKS, 2000, p. 100).

A apresentação, que contou com o apoio do Conselho Municipal, da *Woman's Building*, da *Rape Hotline Alliance*, das famílias das vítimas, e da comunidade feminista, iniciou-se com um cortejo de aproximadamente sessenta mulheres, que seguiam um carro fúnebre até a Prefeitura, na qual se encontravam nove mulheres vestidas com capas pretas, semelhantes às Carpideiras do século XIX²⁴, que cobriam seus rostos e corpo. Colocando-se nas escadas em frente ao prédio, cada uma das dez performers anunciavam uma forma de violência contra as mulheres. A cada fala, as mulheres do cortejo juntavam-se em uma voz que dizia: “Em memória de nossas irmãs, nós lutamos!”, e a décima mulher, vestida totalmente de vermelho, colocava um manto vermelho sobre as costas das performers, representando a capacidade de autodefesa.

²⁴ Ofício exercido há mais de 4 mil anos em diversas culturas do mundo, trata-se de uma carreira majoritariamente feminina, cuja prática consiste em ser contratada para chorar em velórios e enterros alheios – sem qualquer ligação afetiva com a pessoa morta em questão, a carpideira vai às cerimônias para verter suas lágrimas em tributo. Disponível em: <https://www.dmanapolis.com.br/noticia/3440/a-profissao-ancestral-de-chorar-em-enterros-ainda-existe>. Acesso em: 25 Nov. 2022.

Figura 15 – Suzanne Lacy e Leslie Labowitz, *In Mourning and In Rage* (1977)



Fonte: Lacy Disponível em: <https://www.suzannelacy.com/performance-installation#/three-weeks-in-may/>
Acesso em: 16 Nov. 2022.

Diante de todas as obras analisadas anteriormente, é possível concluir o grande poder de denúncia da arte, que além de abordar temas necessários, consegue fomentar grandes discussões entre a população. Se considerarmos que hoje o mundo se encontra em uma era regida pelas mídias sociais, em que diariamente entramos em contato com vídeos e imagens virais²⁵, o poder de denúncia atinge patamares altíssimos, pois espectadores do mundo inteiro entram em contato com obras políticas disseminadas pelas redes sociais. Hoje, mais que nunca, o movimento artístico é capaz de promover mudanças reais no mundo.

3.2 VERMELHO SANGUE

A palavra vermelho é originária do latim *vermillus*, que significa pequeno verme, remetendo-se à Cochonilha²⁶, animal do qual é extraído o corante carmim, amplamente

²⁵ Termo usual da internet que designa a ação de fazer com que algo se espalhe rapidamente, semelhante ao efeito viral. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/viraliza/viralizar/#:~:text=O%20que%20C3%A9%20Viralizar%3A,rapidamente%2C%20semelhante%20ao%20efeito%20viral.> Acesso em: 10 Nov. 2022.

²⁶ Cochonilhas são pequenos insetos parasitas originários do México. O seu corante é utilizado há muitos anos. No século 15, na América Central, o corante era muito utilizado para o tingimento de tecidos e se tornou uma importante fonte de exportação durante o período colonial. Disponível em: <https://www.infoescola.com/insetos/cochonilha/>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

utilizado em cosméticos, alimentos e tintas. Trata-se de uma cor-luz primária e seus comprimentos de onda são os maiores capturados pelo olho humano. Descoberto há centenas de anos atrás, utilizado em pinturas rupestres em cavernas, pode ser considerado um dos pigmentos mais antigos ainda utilizados pela humanidade. Durante a história das civilizações, o vermelho recebeu diversos significados, passando pelos tecidos da nobreza, em função da dificuldade e escassez de produção, até os dias atuais, é considerada uma das principais cores da publicidade. O professor francês de história medieval e especialista em simbologia ocidental, Michel Pastoureau, juntamente com o jornalista Dominique Simonnet, afirmam que: "Esta cor prevaleceu porque se referia a dois elementos, onipresentes ao longo da sua história: o fogo e o sangue" (PASTOUREAU & SIMMONET, 2005, p. 36). Historicamente, no Cristianismo, o vermelho simboliza as chamas do inferno e da morte, assim como o sangue da carne contaminada, dos crimes, do pecado e das impurezas dos tabus bíblicos. Para os Reformistas Protestantes²⁷, trata-se da cor daquilo que é entendido como imoral. Pode-se dizer também que ela possui uma conexão direta com a figura da mulher, seja pelo sangue da menstruação, ou pelo estereótipo da vaidade e sensualidade dos adornos e das maquiagens. Eva Heller, diz que:

As mulheres usam batom para dar a impressão de que têm mais sangue nos lábios e, por isso, são mais passionais. *Rouge*, palavra francesa para "vermelho", é o nome com que o mundo inteiro conheceu o cosmético vermelho para as maçãs do rosto, usado para que a pele parecesse mais jovem (HELLER, 2014, p. 111).

Analisando as simbologias citadas anteriormente, considere que o uso da cor vermelha era essencial para a minha produção artística. Além disso, se observarmos as obras de arte citadas no decorrer da pesquisa, constata-se que o vermelho está presente em sua grande maioria. O batom de Goldin (1984), o sangue de Mendieta (1972), o neon de Parra (2019), as margens de Kruger (1989), os carimbos e mantos de Lacy (1977), e Labowitz (1977), são todos vermelhos. Instigada pelo desejo de manter a cor vermelha presente, a obra desenvolvida para a presente pesquisa trata-se de uma instalação composta por duas mídias diferentes, sendo um deles um vídeo, e o outro, um mural de lambe-lambes. Neste capítulo, abordarei a produção e desenvolvimento dos lambes, que possuem em seu fundo uma tonalidade vibrante de vermelho, e que, quando analisada, possui uma gama de simbologias. O mais evidente, sob meu ponto de vista, é a lembrança do sangue, da violência e do ódio que permeia todos os casos de violência,

²⁷ Reforma Protestante é o nome dado ao movimento reformista que surgiu no cristianismo no século XVI. Esse movimento iniciou-se a partir de Martinho Lutero, um monge católico que estava insatisfeito com algumas práticas e questões teológicas defendidas pela Igreja Católica. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>. Acesso em: 24 Nov. 2022.

denunciados ou não. O outro é do falso amor utilizado como justificativa por criminosos para cometer atos de violência psicológica, abordando os fatos através da narrativa de que suas atitudes tinham por intenção o carinho e cuidado, com a finalidade de manter a mulher segura. Pode-se também dizer que, esse vermelho remete ao perigo e à atenção, assim como em placas de trânsito, por exemplo. Isso porque, é fundamental a nossa compreensão como cidadãos de que precisamos prestar mais atenção aos nossos arredores e as pessoas próximas, pois existem chances reais de que algumas mulheres que conhecemos sejam vítimas de violência de gênero. Para realizar a montagem do mural, desde julho de 2022 venho coletando reportagens do jornal regional chamado Pioneiro, que abordam crimes de violência contra a mulher reportados na região, e retirando trechos²⁸ que evidenciam o nível de crueldade desses crimes. Durante cinco meses mantive a coleta de dados, aconteceram aproximadamente 15 ocorrências no município de Caxias do Sul e redondezas. É estarrecedor dar-se conta de que, em uma região de pouco mais de quinhentos mil habitantes, três mulheres por mês sofrem violências puramente por condição do seu gênero. Torna-se pior se considerarmos que, segundo o Ministério da Mulher²⁹, da Família e dos Direitos Humanos, em média 70% das vítimas de feminicídio nunca denunciaram nenhuma agressão. Os números de vítimas são muito maiores do que os de denúncias, e isso é extremamente preocupante. *Poéticas da Dor* é composto por uma série de lambes desenvolvidos com o objetivo de realizar uma denúncia real acerca de um problema que está presente em todos os locais. Os trechos retirados das notícias, e transformados em lambes, podem causar incômodo ao espectador, afinal, muitas pessoas sequer imaginam o quão enraizado o problema está na sociedade, e nem o quão perto elas se encontram. Fragmentos como: "vítima disse ter sido estuprada e jogada em cima de uma fogueira durante uma festa", "o homem, durante uma discussão banal, desferiu diversos golpes contra a cabeça e o tórax da vítima, que morreu pelo traumatismo", e até "uma menina de oito anos pediu ajuda em uma escola após ter sido estuprada pelo próprio pai", são assustadoramente recorrentes. Ademais, uma fonte simples foi designada, isso porque o intuito é de que o foco fosse no que as palavras contidas nas imagens expressam. A cor branca da letra causa um bom contraste com o vermelho, o que facilita a visualização do espectador, mesmo que um pouco mais afastado. Ainda pensando na visibilidade das frases, as impressões dos lambes foram feitas no tamanho A3 (29,5cm de altura e 42cm de largura). A escolha da mídia se deu através do desejo de trazer à

²⁸ Algumas sentenças foram modificadas com o objetivo de preservar a identidade das vítimas, através da troca de seus nomes pelas palavras "mulher" ou "vítima".

²⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/novembro/70-das-mulheres-vitimas-de-femicidio-nunca-denunciaram-agressoes>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

vista do público um problema que constantemente acontece velado, dentro das paredes de uma casa.

Figura 16 – Júlia Bellini, Recorte de *Poéticas da dor* (2022)

O HOMEM, DURANTE UMA DISCUSSÃO BANAL, DESFERIU DIVERSOS GOLPES CONTRA A CABEÇA E O TORÁX DA VÍTIMA, QUE MORREU PELO TRAUMATISMO

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 17 – Júlia Bellini, recortes de *Poéticas da dor* (2022)

A MOTIVAÇÃO TERIA SIDO UMA DISCUSSÃO POR TELEFONE ENTRE O CASAL POUCAS HORAS ANTES DO ASSASSINATO	ELE TERIA CONTADO A BM QUE O MANDANTE SERIA O EX-COMPANHEIRO DA VÍTIMA, PAI DO FILHO DELA	A VÍTIMA DEIXA UM FILHO DE UM ANO E MEIO
UM HOMEM DE 21 ANOS, QUE AGREDIU TRÊS MULHERES COM GOLPES DE MACHADINHAS APÓS UMA FESTA, SERÁ INDICIADO	MULHER ENCONTRADA MORTA DENTRO DE CASA NA NOITE DA ÚLTIMA SEGUNDA-FEIRA TINHA MEDIDAS PROTETIVAS VIGENTES	VÍTIMA DISSE TER SIDO ESTUPRADA E JOGADA EM CIMA DE UMA FOGUEIRA DURANTE UMA FESTA
SEGUNDO A BRIGADA MILITAR, O HOMEM COMETIA O CRIME CONTRA A PRÓPRIA ENTEADA DE 12 ANOS	ELE DISSE QUE FOI HUMILHADO E NÃO IRIA ACEITAR	O FILHO DO CASAL ENCONTROU OS CORPOS
ELE NÃO DEMONSTROU NENHUM ARREPENDIMENTO	O HOMEM ENTROU NA MORADIA DA EX-COMPANHEIRA E DISPAROU CONTRA A CABEÇA DELA EM SEGUIDA, ATIROU CONTRA SI MESMO	A VÍTIMA INFORMOU QUE ESTAVA SENDO ESTUPRADA DIARIAMENTE HÁ MAIS DE UM MÊS PELO PADRASTO, SEMPRE QUE A MÃE SAÍA PARA TRABALHAR

Fonte: Acervo pessoal.

Os lambe-lambes tiveram sua origem no século XIX, advindos da indústria de impressão em massa. Foram utilizados como cartazes de filmes, eventos, propagandas e política, isso pelo motivo de serem uma forma barata de propaganda, e de rápida disseminação. Após a Segunda Guerra Mundial, esse formato de publicidade ganhou um novo propósito, o de protestar. Por consequência disso, ele começou a ser considerado uma manifestação de arte pública, afinal, denúncias artísticas foram realizadas através dos mesmos e expostas na rua, onde todos teriam acesso. Em razão disso, a mídia dos lambes foi incorporada na presente pesquisa. Trata-se de uma forma de denúncia artística, que expõe os fatos repulsivos que ocorrem próximos a nós. Levando em consideração a dimensão e seriedade do problema da violência contra a mulher, senti a necessidade de apresentar informações de forma clara e chamativa em frente a observadores que talvez não estejam familiarizados com o assunto.

4 POÉTICAS DA DOR

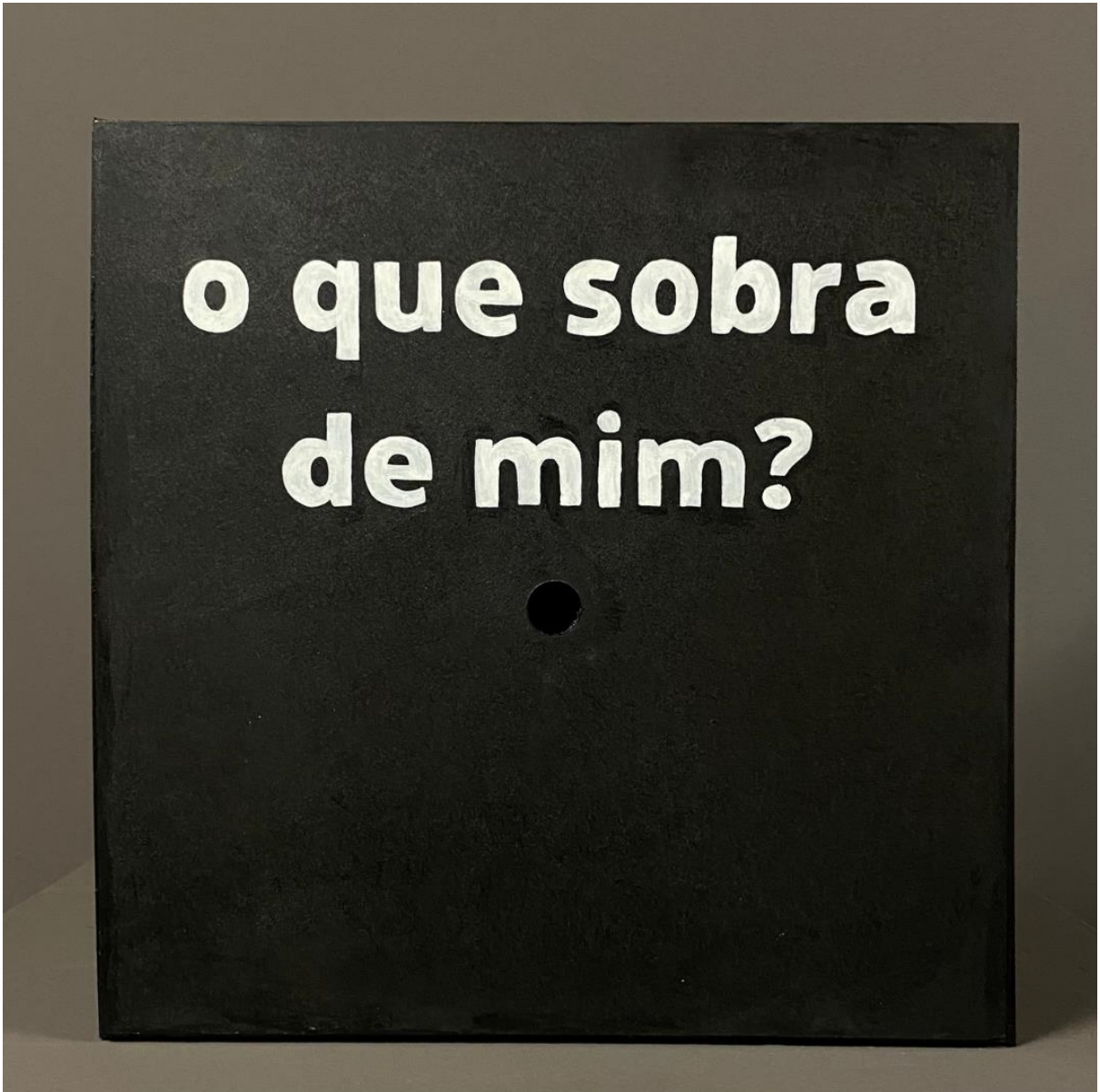
Hoje em dia, a problemática da violência contra a mulher encontra-se inserida em nossa sociedade mais do que nunca. Enquanto as denúncias são realizadas, e a comunidade, principalmente feminina, gera debates acerca da raiz dos problemas descritos durante essa pesquisa, existem milhares de vítimas que são obrigadas a sobreviver carregando o trauma que seus abusadores fizeram-nas passar. Infelizmente, o sistema brasileiro de apoio a vítimas ainda é precário, e por consequência, inúmeras mulheres são obrigadas a lidar sozinhas com os danos físicos e psicológicos causados pelo agressor. Aline Martinelli afirma que, no Brasil:

[...] a assistência prestada em casos de violência doméstica apresenta sérias deficiências, o tempo de espera para assistência e serviços sociais é lento, além de cada serviço ser realizado em escritórios distintos, o que requer se deslocar de um serviço para outro. [...] há necessidade de serviços de apoio definidos, mais flexíveis e adaptáveis, tanto para atender às necessidades reais de apoio quanto para ampliar a gama de opções para as mulheres que buscam apoio. Ademais, as necessidades de apoio social sejam de longo prazo, e não apenas destinadas à orientação da crise em curto tempo (MARTINELLI, 2020, p. 33-4).

Por esse motivo, faz-se necessário que olhemos para estas mulheres com uma mentalidade de empatia e solidariedade, sem vitimizações, diferentemente de como a mídia tem costume de fazer. Refletindo sobre o efeito que um trauma pode inferir à uma pessoa, apresento o trabalho *O que sobra de mim?* (BELLINI, 2021). Ele surge como resposta à proposição (des)plugados, projeto expositivo desenvolvido durante a disciplina de Curadoria, na qual todos os alunos determinaram uma temática, desenvolveram obras, e montaram a disposição das peças no campus da universidade. Tratando-se de uma época em que tudo virou digital, o que, por consequência, nos torna dependentes dela, surge o questionamento “o que somos se nos desplugamos da tecnologia?”. Indagando-me sobre qual produção faria, a questão “o que sobra de mim?” tornou-se presente em minha mente, até que cheguei a uma resposta: “eu não sei”. A partir disso, decidi criar um objeto que possibilitasse ao espectador refletir sobre a pergunta, e que pudesse chegar a uma resposta pessoal. Assim, desenvolvi uma caixa no tamanho 30 x 30 x 30 cm, pintada de preto tanto no interior, quanto no exterior, contendo o questionamento pintado em branco na parte frontal, e um pequeno buraco logo abaixo do escrito. Dentro do objeto, instalei uma pequena luz de led. Através do furo, o espectador conseguia enxergar no interior a resposta escrita em branco. Inicialmente a peça foi criada com uma proposta diferente da presente pesquisa, entretanto, com o passar do tempo, o trabalho foi ressignificado, pois a pergunta, por não ser específica, permite interpretações variadas. O que sobra de mim, e de

milhares de outras vítimas ao redor do mundo, é difícil de imaginar, afinal, essas mulheres violentadas, abusadas e degradadas, são compelidas a continuar sua vida lidando com o trauma.

Figura 18 – Júlia Bellini, *O que sobra de mim?* (2021)



Fonte: Acervo pessoal.

O que sobra de mim e que se insinua em aberto pelo orifício da caixa, é algo que se reconstrói a cada novo dia. São as emoções que oscilam entre altos e baixos quando os gatilhos, de experiências cotidianas, disparam em nós as memórias e dores de violências explícitas e dissimuladas. São nesses momentos que a sororidade e a empatia são potências que podem salvar vidas, pois o cuidado com as vítimas após o crime é tão essencial quanto a prevenção e as denúncias. Largá-las no mundo à mercê da sorte, sem nenhuma forma de sistema de apoio e

tratamento psicológico é desumano. Além de tudo, o medo de que possam ser vítimas novamente mantém-se presente, isso porque o problema da violência contra a mulher ainda não foi cessado em nossa sociedade.

Perante ao exposto, o apoio advindo de outras mulheres torna-se essencial, ainda mais se considerarmos que, na maioria dos casos, não se pode contar com a ajuda provida pelo governo. A sororidade, que representa a união das mulheres, envolve sentimentos de irmandade, empatia e solidariedade, e faz com que a comunidade feminina ganhe forças para lutar e para ajudar umas às outras a lidar com seus traumas. O afeto entre as mulheres vem adquirindo cada vez mais potência ao longo da história, marco a ser celebrado, afinal, por muito tempo as mulheres estavam sozinhas lidando com os grandes problemas do patriarcado. Bell Hooks afirma que:

A ligação entre mulheres não era possível dentro do patriarcado; era um ato de traição. Movimentos feministas criaram o contexto para mulheres se conectarem. Não nos juntamos para ficarmos contra os homens; juntamo-nos para proteger nossos interesses de mulher. [...] Desafiar e mudar o pensamento sexista das mulheres era o primeiro passo para criar uma sororidade poderosa que acabaria por balançar nossa nação (HOOKS, 2000, p. 35-6).

Ao observarmos os locais frequentados majoritariamente por mulheres, como os salões de beleza, percebe-se que existe uma interação entre os profissionais e clientes, que recorrentemente transformam-se em amigas. Mulheres de todos os tipos têm por hábito visitar este espaço semanal ou mensalmente, seja para cortar ou pintar o cabelo, arrumar-se para uma ocasião especial, fazer as unhas, depilação, bronzamento ou realizar outros tratamentos estéticos. Apesar de suas ideias terem como objetivo principal o seu embelezamento pessoal, pode-se dizer que um secundário, é o de frequentar o espaço para ter a "conversa de salão", que inclui contar histórias, fofocar, confidenciar segredos, dentre outros. Daniela Alexandre Ferreira afirma que:

O Salão de Beleza é um estabelecimento que adquire uma característica relevante principalmente para o universo feminino, pois é um ambiente de troca de informações que atrai o respectivo gênero em particular, ali encontramos vivências que vão além de adquirir produtos cosméticos (FERREIRA, 2017, p. 275).

Para diversas mulheres, este espaço representa um local de refúgio, onde ao mesmo tempo que realizam procedimentos para potencializar sua autoestima, conversam abertamente sobre suas vidas. Pode-se dizer que muitas delas, de maneira inconsciente, encaram como se fosse uma sessão de terapia, onde existe uma relação de respeito e empatia mútua.

Refletindo sobre isso, surge o desejo de incorporar em minha produção artística o sentimento de união e empatia entre uma parcela da comunidade feminina, que, justamente por se tratarem de mulheres, entendem a seriedade da situação e a importância de prover um sistema de apoio às vítimas. Remetendo a ideia de o salão de beleza ser um local onde as mulheres conversam sobre suas vidas e problemas, optei por realizar a gravação de uma atividade comum deste ambiente. No vídeo, que tem a duração de 9 minutos e 23 segundos, pinto as unhas de outra mulher com o mesmo tom de vermelho presente nos lambe-lambes, que simboliza o cuidado e atenção oferecido por milhares de salões às mulheres.

Figura 19 – Júlia Bellini, *Poéticas da Dor* (2022), frame 4:05



Fonte: Canal do Youtube de Júlia Bellini. Disponível em: <https://youtu.be/E7pYqrd96E4>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

Pensando na instalação de minhas produções, optei por utilizar um painel de 2,4 x 2,4 metros, preenchido com os lambe-lambes, que cercam o vídeo projetado ao meio. Escolhi essa forma de disposição, pois ela representa a ideia de que as violências acontecem diariamente com milhares de mulheres, mas há momentos e locais, onde elas podem encontrar ajuda e acolhimento.

Figura 20 – Júlia Bellini, Instalação *Poéticas da Dor* (2022)



Fonte: Acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo entender como a violência de gênero, mais especificamente contra a mulher, se manifesta em nossa sociedade até os dias de hoje, e de como as denúncias e debates são essenciais para que haja um declínio de ocorrências. O problema da violência contra a mulher foi, por muito tempo, normalizado, e por consequência disso, encontra-se enraizado em nossa sociedade. A chance de conhecermos e/ou sermos vítimas é altíssima, e as estatísticas corroboram os fatos. Em função desta pesquisa ser, até certo ponto, autobiográfica, o assunto torna-se inevitável e inadiável, e isso se manifesta na análise de trabalhos autorais. O sistema patriarcal se mostra, ao longo da história, a raiz de todo o problema, pois, além de ensinar meninos a se sentirem como o gênero superior, coloca homens em posições de poder, que ditam as regras em relação a corpos femininos, mesmo quando não possuem nenhuma propriedade sobre. É importante que, quando se fala sobre a violência contra as mulheres nos dias de hoje, também se fala sobre a história, que perpetuou por centenas de anos tais comportamentos, deixando não apenas de punir os homens, mas de não informar a sociedade que tais atitudes não eram aceitáveis.

Para a realização da presente investigação, manifestações artísticas advindas de artistas mulheres ativistas foram analisadas, assim como livros e artigos que tratam de questões acerca do feminismo, da violência contra a mulher e de questões de gênero. As constatações referenciadas confirmam que, a violência contra a mulher, seja ela física, sexual ou psicológica, atinge milhares de vítimas diariamente ao redor do mundo. Além disso, pode-se concluir que as denúncias geram melhoras no mundo, e por isso, devem continuar a ser executadas para que possamos atingir um patamar de maior igualdade de gênero. O papel do ativismo na arte é de enorme benefício às lutas feministas, afinal, o seu poder de disseminação e crítica é imensurável. Em época de mídias sociais, centenas de manifestações artísticas, de diferentes mídias, viralizam ao redor do mundo, servindo não apenas para a divulgação do assunto, mas também para gerar discussões entre a sociedade.

Os objetivos propostos para a pesquisa, de realizar uma investigação acerca da violência contra as mulheres, assim como algumas das denúncias artísticas criadas ao longo da história, para por fim, produzir uma obra que abordasse os estudos, foram desenvolvidos e apresentados durante o decorrer do texto. A criação autoral, *Poéticas da Dor* (2022), trata-se de uma compilação dos assuntos estudados, que aborda tanto a denúncia, quanto a relação da vítima com o trauma, e sua rede de apoio. Ademais, o conhecimento de artistas de diversas

nacionalidades, com diferentes mídias, e histórias únicas, expande o campo de conhecimento pessoal acerca do que já foi criado, incitando além de ideais futuras, mas também de continuar a pesquisa sobre a violência contra a mulher. Este campo dispõe muito a ser explorado, e por possuir um caráter sério em relação às denúncias, precisa ser levado adiante por cada vez mais artistas.

As questões norteadoras, que direcionaram os estudos para este Trabalho de Conclusão de Curso, podem ser respondidas a partir dos resultados do presente estudo, pois a arte teve, e continua tendo, um grande impacto para mudanças sociais. Além disso, pode-se constatar que a violência contra a mulher continua inerente ao pensamento patriarcal, e a jornada para que esse problema seja solucionado, é extensa. Apesar disso, o incentivo por parte da comunidade feminista de que denúncias sejam realizadas não será cessado, afinal, o apoio para que a luta continue é imprescindível para que mudanças significativas aconteçam. O apoio às vítimas, realizado por mulheres presentes em suas vidas, é fundamental para que elas possam recuperar-se dos traumas sofridos devido à violência de gênero. A sororidade é crucial por parte da rede de apoio, afinal, é necessário prover conforto e suporte para mulheres violentadas. É essencial que a comunidade feminina se una, tanto para lutar em favor de seus direitos, quanto para ajudar outras mulheres em situações vulneráveis.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, i. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014.
- DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: Introdução à teoria feminista**. [PINHEIRO & CAMARGO]. São Paulo: crocodilo/Ubu. 2021.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FERREIRA, Daniela Alexandre. Estética e Sociabilidade: O salão de beleza como ponto de encontro. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 24, dez. 2017, p. 274-289.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Traduzido por Maria Lucia Lopes Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo o mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- MAGALHÃES, Maria José. A arte e violência no olhar: Ativismo feminista e desconstrução da violência contra as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 89, p. 89-109, 1 out. 2012.
- MARTINELLI, Aline. Violência contra a mulher: Uma abordagem histórica. **Teoria Jurídica Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-43, 1 abr. 2020.
- OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. A virada da arte pública e a formação do artista contemporâneo. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 20, n. 33, p. 237-256, 7 Jun. 2019.
- PASTOUREAU, Michel. **Rouge: Histoire d'une couleur**. [Trad. GLADDING, Jody]. Pollina, France, 2016.
- PASTOUREAU, Michel; SIMONETT, Dominique. Breve Historia de los Colores. [Trad. FURIÓ, María José]. Paris: Panama, 2005.
- REY, Maria José. **Le petit des couleurs**. [Trad. FURIÓ, María José]. Paris: Panama, 2005.

WEB

A PROFISSÃO ANCESTRAL DE CHORAR EM ENTERROS AINDA EXISTE. **DM Anápolis**, 26 Jun 2021. Disponível em: <<https://www.dmanapolis.com.br/noticia/3440/a-profissao-ancestral-de-chorar-em-enterros-ainda-existe>>. Acesso em: 22 Nov. 2022

BARBARA KRUGER ATUALIZA OBRA ICÔNICA (NOVAMENTE!). **DasArtes**, 15 Mai 2022. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/barbara-kruger-atualiza-obra-icônica-novamente/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

BARBOSA, Mariana. Corpo feminino e o veículo criativo de Regina Parra. **Harper's Bazaar**, 4 Nov 2019. Disponível em: <<https://harpersbazaar.uol.com.br/bazaar-art/corpo-feminino-e-o-veiculo-criativo-de-regina-parra/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

BELLINI, Júlia Girardi. Poéticas da dor (2022). **Youtube**, 29 Nov. 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/E7pYqrd96E4>>. Acesso em: 29 Nov. 2022.

BELLINI, Júlia Girardi. Ponto de vista. **Youtube**, 9 Dez. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/Ec-G8VFUVBg>>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

CALDWELL, Ellen C. *The History of "Your Body is a Battleground"*. **Daily Jstor**, 15 Jul. 2016. Disponível em: <<https://daily.jstor.org/the-history-your-body-is-a-battleground/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022

CONHEÇA O BRASIL - População: Quantidade de homens e mulheres. **IBGE Educa Jovens**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 22 Nov. 2022

FERREIRA, Rute. O que aconteceu com Ana Mendieta?. **Citalia Restauero**. Disponível em: <<https://citaliarestauro.com/o-que-aconteceu-com-ana-mendieta/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

GAFISA. Cidade-se: Arte Pública. **Youtube**, 5 Mai. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eExT5v44-AU>>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

GARCIA, Mariana. Veja quais os melhores e os piores países para ser mulher nos quesitos inclusão, justiça e segurança. **G1**, 8 Mar. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/veja-quais-os-melhores-e-os-piores-paises-para-ser-mulher-nos-quesitos-inclusao-justica-e-seguranca.ghtml>>. Acesso em: Acesso em: 22 Nov. 2022.

GOLDIN, Nan. *Nan one month after being battered*. **Tate Britain**. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/goldin-nan-one-month-after-being-battered-p78045>>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

HATOUM, Mona. *So Much I Want to Say*. **LUX**. Disponível em: <<https://lux.org.uk/work/so-much-i-want-to-say/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

HATOUM, Mona. *So much I want to say*. **Tate Britain**. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/hatoum-so-much-i-want-to-say-t07536>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

HATOUM, Mona. *So Much I Want to Say* (1983). **Vimeo**, 27 Mar 2018. Disponível em: <<https://vimeo.com/262094223>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

KRUGER, Barbara. **Untitled-your-body-battleground**. Disponível em: <<https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger/untitled-your-body-battleground>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

LACY. *Three Weeks in May by: Suzanne Lacy* (1977). **Youtube**, 5 Fev. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ie7A8F0D-k4>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

LACY, Suzanne. *In Mourning and in Rage*. **Suzanne Lacy**. Disponível em: <<https://www.suzannelacy.com/in-mourning-and-in-rage-1977/>>. Acesso em: 19 Nov. 2022.

LACY, Suzanne. *Three Weeks in May*. Disponível em: <https://www.suzannelacy.com/performance-installation#/three-weeks-in-may/>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Gov.br. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 05 Nov. 2022.

MARTINEZ, Maria. Cochonilha. **Infoescola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/insetos/cochonilha/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

MENDES, Amanda. A importância da arte pública como ressignificador dos espaços urbanos. **Prédios de Curitiba**, 29 Mar 2020. Disponível em: <<https://prediosdec Curitiba.com.br/a-importancia-da-arte-publica-como-ressignificador-dos-espacos-urbanos/>>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

MENDIETA, Ana. *Untitled (Rape Scene)*. **Tate Britain**. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/mendieta-untitled-rape-scene-t13355>>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

MONA HATOUM: *So much i want to say*. **Accelerator**. Disponível em: <<https://acceleratorsu.art/en/utstallning/so-much-i-want-to-say-2/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

NOSSA HISTÓRIA. **Instituto Avon**. Disponível em: <<https://institutoavon.org.br/instituto-avon/?post=nossa-historia>>. Acesso em: 5 Nov. 2022.

O. J. SIMPSON É CULPADO OU INOCENTE? Série ESPN vencedora do Oscar mergulha na personalidade, trajetória e julgamento do astro da NFL. **ESPN**, 20 Mar 2020. Disponível em: <https://www.espn.com.br/artigo/_/id/6777875/o-j-simpson-e-culpado-ou-inocente-serie-espn-vencedora-do-oscar-mergulha-em-personalidade-trajetoria-e-julgamento-do-astro-da-nfl>. Acesso em: 25 Nov. 2022.

OLIVEIRA, Monique. Como é o atendimento médico a uma vítima de estupro. **G1**, 4 Set 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/como-e-o-atendimento-medico-a-uma-vitima-de-estupro.ghtml>>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

PARRA, Regina. *Against, Again: Art under attack in Brazil*. **Regina Parra**. Disponível em: <https://reginaparra.com/exhibitions/18-against-again-art-under-attack-in-brazil-the-anya-and-andrew-shiva-gallery-new-york/installation_shots/>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

PARRA, Regina. *Bacchae*. **Regina Parra**. Disponível em: <<https://reginaparra.com/exhibitions/6-bacchae-galeria-millan/overview/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

PARRA, Regina. *Bacchae*. **Regina Parra**. Disponível em: <https://reginaparra.com/exhibitions/6/installation_shots/image_standalone14/>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

RAVELI, Nicoli. Kenneth Bianchi: O serial Killer conhecido como o estrangulador de Hillside. **Aventuras na história**, 6 Mar. 2022. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/kenneth-bianchi-o-serial-killer-conhecido-como-o-estrangulador-de-hillside.phtml>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

REFORMA PROTESTANTE. **História do Mundo**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm>>. Acesso em: 24 Nov. 2022.

REGINA PARRA - BACANTE. **Millan Galeria**. Disponível em: <<https://www.millan.art/exposicoes/regina-parra2/press-release>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

REGINA PARRA: Sobre. **Regina Parra**. Disponível em: <<https://reginaparra.com/about/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

REZENDE, Milka de Oliveira. O que é sororidade?. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-sororidade.htm>>. Acesso em: 27 Nov. 2022.

RKAIN, Jamyle. Ana Mendieta está aqui. **Arte que Acontece**, 10 Mai 2020. Disponível em: <<https://www.artequaeacontece.com.br/ana-mendieta-esta-aqui/>>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

SACCHITIELLO, Bárbara. Violência contra a mulher: Como a Avon combate nessa luta. **Meio & Mensagem**, 10 Abr. 2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/04/10/violencia-contra-a-mulher-como-a-avon-combate-nessa-luta.html>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

SAN FRANCISCO MUSEUM OF MODERN ART. Suzanne Lacy: Women fight back. **Youtube**, 16 Jun. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SHQzhcCTNGc>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

THE MUSEUM OF CONTEMPORARY ART. Nan Goldin - *The Ballad of Sexual Dependency*. **Youtube**, 6 Dez. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2B6nMlajUqU>>. Acesso em: 09 Nov. 2022.

TIPOS DE VIOLÊNCIA. **Instituto Maria da Penha**. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

TORRES, Marcos. A arte do lambe lambe. **Design Culture**, 12 Set 2017. Disponível em: <<https://designculture.com.br/a-arte-do-lambe-lambe/>>. Acesso em: 22 Nov. 2022

VIRALIZAR. **Dicionário Informal**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/viralizar/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil. **ONU Mulheres**, 2015. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 05 Nov. 2022.

2022: Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. **Gov.br**, 27 Mai. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2022>>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

70% DAS MULHERES VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO NUNCA DENUNCIARAM AGRESSORES. **Gov.br**, 1 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/novembro/70-das-mulheres-vitimas-de-femicidio-nunca-denunciaram-agressoes>>. Acesso em: 22 Nov. 2022.